

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL

HORST HOGREFE

**COR E SAÚDE:
O EFEITO DAS CORES NAS SOMATOPSICOPATOLOGIAS**

**CURITIBA
2011**

HORST HOGREFE

**COR E SAÚDE:
O EFEITO DAS CORES NAS
SOMATOPSIKOPATOLOGIAS**

**Monografia apresentada
como requisito parcial ao Programa de
Especialização em Psicologia
Corporal, ministrado
pelo Centro Reichiano.**

**Orientador: Prof. Dr. José Henrique
Volpi**

**CURITIBA
2011**



TERMO DE APROVAÇÃO

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI** no uso de minhas atribuições legais do **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, com **CONCEITO C**, o trabalho monográfico de conclusão de curso do aluno HORST HOGREFE.

Curitiba, 14 de Novembro de 2011

RESUMO

Nesta monografia pretendo apresentar as cores e a sua utilização como terapia complementar convergente no tratamento das somatopsicopatologias, na ótica da Psicologia Corporal Reichiana. Penso que saúde se entende como um estado energético harmônico entre corpo, mente e psique, sendo que, é a energia a responsável primeira pela saúde ou pelas doenças, isto é, antes de haver uma doença física, temos uma doença a nível energético. A intenção é mostrar neste trabalho a relação das cores com a energia do corpo humano, pois cores significam diferentes comprimentos e freqüências de ondas, emitidas por uma fonte qualquer, especialmente o Sol e as estrelas. A energia num corpo saudável flui livremente, nutrindo energeticamente as células do organismo de forma que não haja excessos nem carência desta. As plantas captam a energia solar através da fotossíntese e a armazenam em cadeias de glicose. Os animais, incluindo o ser humano só conseguem captar uma parte da energia que necessita, diretamente, através da respiração e exposição direta à fonte de luz, por cromóforos. Assim, desenvolveu um complexo sistema digestório para absorver os elementos químicos formadores do corpo, como também, captar a energia necessária para mantê-lo vivo e saudável, a qual chamamos na Psicologia Corporal de Orgônio.

Palavras - chave: Cores. Fisiologia. Orgônio. Psicologia Corporal. Saúde.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
2 TEORIA DA COR.....	9
2.1 LUZ, COR E NATUREZA.....	9
2.1.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE CORES	11
2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS CORES, GAMAS E GRADAÇÕES	15
2.3 EQUILÍBRIO E HARMONIA DE CORES	18
2.4 AS CORES NAS CRIAÇÕES HUMANAS, NOS USOS E COSTUMES	23
2.5 O LÓCUS DA COR PRETA NAS GAMAS E GRADAÇÕES DAS CORES.....	29
3 A SIMBOLOGIA DA COR PRETA.....	32
3.1 AS CORES AGREGADAS A COR PRETA: CINZA, MARROM E PRATA	34
3.2 O USO DA COR PRETA COMO SIMBOLOGIA CULTURAL	35
3.2.1 O EFEITO DAS CORES NO CORPO HUMANO	37
3.2.2 A CROMOTERAPIA.....	43
3.2.3 O USO DAS CORES NA PSICOLOGIA PELA MTC.....	53
4 PARTÍCULAS SUB-ATÔMICAS INTERAÇÃO COM O CORPO HUMANO	57
4.1 FÓTONS	58
4.2 BIOFÓTONS	60
4.3 ORGÔNIO.....	61
4.4 INTERAÇÕES ENTRE FÓTONS, CORPO E CONSCIÊNCIA	63
5 JUSTIFICATIVA.....	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	68

INTRODUÇÃO

O propósito desta monografia baseia-se num tema de estudo bastante antigo e complexo, pertinente à vida e a saúde humana – as cores. As cores já usadas na Cromoterapia, na Medicina, na Psicologia, poderão ser ferramentas auxiliares poderosas na terapêutica Reichiana. Antigo – faça-se a luz – e assim começou a vida, conforme a Bíblia. Complexo, pois o comportamento da luz como onda ou partícula, da sua reflexão, absorção e transmissão como cor ou a ausência dela, além de apresentarem características perceptíveis de frio e quente, ácido e base, geram infindáveis estudos nas mais variadas aplicações do saber e do viver. Não se conhece vida como a concebemos, na ausência de Luz. Luz se decompõe em cores, e as cores alimentam a vida, pois cores são energias e a vida depende destas. Wilhelm Reich, considerado Pai da Psicologia Corporal, nos seus estudos também identificou certas cores como prenúncio de vida saudável e na ausência delas, advinha à morte. Pesquisou o sangue dos seus pacientes, e descobriu partículas energéticas que possuíam a cor Azul. Denominou-as Bions, o que o levou ao Orgônio e à Orgonomia Reichiana. Descobriu também, que a morte se apresentava no sangue com partículas de cor preta, que denominou de DOR – *Deadly Orgone*. Nas pesquisas do Dr. W. Reich, o Orgônio se apresenta nas seguintes cores: Azul, Cinza Azulado, Violeta Azulado Escuro, pontos e linhas Esbranquiçadas. Comprova-se na literatura Esotérica, na da Medicina Complementar, quanto da Psicologia e da própria Medicina através de estudos sobre a influência das cores para a fisiologia humana, que determinadas cores provocam efeitos comparados aos medicamentos alopáticos. Por exemplo, o Azul é relaxante, calmante e tranqüilizante, ao passo que

a cor Violeta é curativa e antiespasmódica, e a cor Vermelha ativadora da corrente sanguínea, dentre outras. Pesquisadores na área da Medicina como Hering e Becker, comprovaram os efeitos fisiológicos das cores no organismo humano. Inclusive pessoas cegas ou de olhos vedados sentem os efeitos da cor sem visualizá-la, pois o homem como sistema vivo também processa informações imateriais, na forma de oscilações e frequências, capazes de alterar seu estado fisiológico e conseqüentemente, o psicológico. Na prática clínica massoterapêutica as vivências comprovam que determinadas cores das roupas, ou adornos de uso pessoal, não só podem interferir no estado psicológico, como podem reduzir a força muscular do paciente, além provocarem dor em partes do corpo e reduzi-la, em outras. Essa ação se deve há interação das cores com os cromóforos, produzindo a luminescência – fótons - das nossas próprias células, aumentando ou diminuindo sua energia, provocando transtornos ou melhoras somatopsicológicas que justificam esta pesquisa Monografia.

Wilhelm Reich (1995) nos seus estudos pesquisou profundamente a relevância da energia como responsável pelos estados de saúde ou doença. Seus estudos comprovam que energia estagnada, excessos ou falta provocam doenças do corpo e psique. Essa ciência chamou de Orgonomia e a unidade energética denominou de Orgônio. Estudando o orgônio, Reich encontrou quatro cores desta energia: azul; cinza azulado; violeta azulado escuro; branco.

Pela Física sabemos que o branco contém todas as cores, assim, juntamente com as cores já citadas por Reich, podemos imaginar todas as demais, de conformidade com técnicas terapêuticas milenares, como a Ayurvédica e a Medicina Chinesa. Ambas se utilizam das cores nos tratamentos somatopsicopatológicos, pois

entendem que não existe separação entre corpo e mente como na Psicologia Corporal.

Hoje, a nanobiotecnologia e a física quântica estudam a ação dos fótons sobre as células humanas (nos cromóforos). Os fótons como veremos adiante, são componentes integrantes das cores, onde cada uma age e interage de forma distinta com nossas células, devido às várias frequências e diferentes comprimentos de onda. Assim, teremos ações e reações somatopsicofisiológicas distintas, conforme cada cor. O resultado de cada cor em cada ser humano poderá se apresentar com sintomas diferentes, pois envolve uma multiplicidade de fatores condicionantes, os quais serão apresentados neste trabalho.

A Medicina Tradicional Chinesa (MTC) será de grande valia no quesito anterior, pois estuda esta multiplicidade, mostrando com clareza o ponto de partida e as possíveis implicações. A Cromoterapia mesmo sendo considerada pela Ciência como esotérica, mas reconhecida pela Organização Mundial de Saúde, possui ampla gama de livros interessantes, onde alguns foram utilizados neste trabalho. Outra ciência que utilizei neste trabalho é a Física Clássica, Quântica e a Fotônica, servindo de ponte entre a célula, o corpo e a Psicologia Corporal.

A tônica deste estudo é a relação entre as cores e a saúde humana. Há estudos diversos que comprovam que as cores exercem enorme influência sobre o estado de ânimo, auto-estima e bem estar das pessoas. Dependendo da cor a ser usada nas roupas, inclusive as feições faciais mudam fato de grande importância no diagnóstico e avaliação na Psicologia Corporal. Igualmente, as cores fazem parte do cotidiano de todos os seres vivos e suas combinações em tons e matizes diferentes, atraem a atenção e provocam reações diversas. Exemplo disso são algumas

ilustrações ou imagens em que aparecem seres vivos multicoloridos como peixes, aves silvestres, objetos e ambientes dentre outros.

Percebe-se uma preocupação muito grande das pessoas em relação às cores no seu cotidiano, seja para a escolha das cores da pintura da casa, da roupa, do carro, de objetos de decoração, ou mesmo em permanecer por mais ou menos tempo num ambiente em que as cores não sejam harmoniosas e/ou agradáveis.

No campo da saúde e das terapias alternativas, percebe-se um distanciamento entre o conhecimento sobre as cores pela comunidade científica e pela comunidade terapêutica, principalmente entre aqueles profissionais que trabalham com terapias orientais milenares. Ainda que os terapeutas e o senso comum atestem o efeito das cores para a saúde humana, há uma resistência por parte da comunidade científica em reconhecer esta influência.

Assim, empreendi uma pesquisa de caráter exploratório e de abordagem qualitativa que reúne referenciais teóricos que fazem uma abordagem complexa nos seus aspectos históricos, culturais, cromoterápico e psicológico. O que pretendo, é reunir elementos concretos que sinalizem para comprovar que a cor preta e suas associadas (prata, cinza e marrom), assim como as outras cores, exercem influência sobre o ser humano, sobretudo, efeitos que não são saudáveis para a saúde humana.

2 TEORIA DA COR

2.1 LUZ, COR E NATUREZA

Transmitida por ondas eletromagnéticas ou por partículas, a Luz é uma forma de energia que tem uma relação simbiótica com as cores. Pode-se dizer, inclusive, que sem luz não há cor. Tanto no âmbito da literatura científica da Física, Psicologia e Cromoterapia dentre outros, quanto da literatura esotérica, a luz e a cor são carregadas de significados e simbolismos.

Numa perspectiva científica da abordagem de luz e cor, tem-se que “a luz é uma radiação eletromagnética, capaz de provocar sensação visual em um observador normal. Têm comprimento de onda entre 4.000 e 7.800 ângstrons”. (BERTULANI, 2003, p. 1).

Para ser efetiva, a luz deve penetrar e se propagar no tecido da maneira mais eficiente possível. Ambos os processos dependem tanto das características de absorção do tecido como das propriedades da luz. A propagação depende da presença de regiões não-homogêneas, como membranas, núcleos, água ou corantes, que absorvem muita luz, como a melanina e as porfirinas. A fototerapia usa luz compreendida na região de 620-850 nm, onde se observa maior permeabilidade da pele; por isso, esta região é denominada de janela fototerapêutica. (CARLOS, 2007, p. 11).

Luz é composta de ondas de uma parte da radiação eletromagnética que pode ser percebida pelo olho humano. No entanto, existem várias outras radiações eletromagnéticas que o olho humano não percebe, tais como: os raios-gama, raios-X, a radiação ultravioleta, dentre outros. O que diferencia cada cor é a frequência da onda eletromagnética que transmite a luz, pois as luzes de diversas cores são ondas eletromagnéticas com diferentes frequências. O fato é que para cada cor, existe um comprimento de onda específico. A intensidade da

onda varia desde a mais lenta e extensa, que é o vermelho, até a mais rápida e menor, que é o azul.

A luz branca emitida pelo sol ou por qualquer outra fonte não é pura, mas sim, uma composição de ondas eletromagnéticas de diferentes frequências. “É composta de luz vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul e violeta”. (FIGUEIREDO; PIETROCOLA, 2000, p. 20).

Num primeiro momento, a reflexão é a causa mais comum da emissão de luz haja vista que a maioria dos corpos que visíveis reflete a luz que recebe e por isso são chamados de corpos iluminados. Entretanto, pelas leis termodinâmicas qualquer corpo aquecido a partir de certa temperatura torna-se luminoso e emite radiação eletromagnética. O corpo humano, por exemplo, emite radiação infravermelha suficiente para ser detectada por equipamentos apropriados (binóculos, câmaras fotográficas e de vídeo) que permitem ver no escuro.

Por outro lado, a experiência de Newton com o prisma, fazendo incidir sobre ele um feixe de luz branca, mostrou que, depois de passar pelo prisma a luz projetava na parede oposta uma mancha alongada, com as cores distribuídas do vermelho ao violeta. Na verdade, é o mesmo fenômeno do arco-íris. Com isso, Newton concluiu que a luz branca do sol é composta de luzes de todas as cores visíveis, porém, que só podem ser vistas ao mesmo tempo quando separadas pelo prisma.

Conforme Figueiredo e Pietrocola (2000, p. 22) isso acontece por que:

A luz é decomposta ao incidir na primeira parede do prisma e adentrar nele, ou seja, suas componentes separam-se seletivamente, aproximando-se da reta normal à superfície do prisma, no ponto de incidência. Lembre-se das leis de refração: a luz se aproxima da reta normal ao passar para um meio de maior índice de refração.

O que acontece no prisma é a separação das luzes componentes. A componente violeta é a mais desviada e a vermelha, a menos desviada enquanto as demais têm desvios intermediários. Quando a luz espalhada pelo prisma incidir sobre outro prisma, colocado na posição invertida, as luzes são novamente juntadas e a luz branca ressurgue do outro lado. Ao se analisar os dois fenômenos da Ótica Geométrica conhecidos como reflexão e refração, Figueiredo e Pietrocola (2000) supõe que haja um plano, ao qual incide um raio luminoso e que parte deste raio seja refletido por este plano e parte seja refratado. Define-se como ângulo de incidência como sendo o ângulo formado pelo raio e a normal a este plano, ângulo de reflexão entre a normal do plano e raio refletido e ângulo de refração como sendo entre a normal e o raio refratado.

Com isso pela Lei da Conservação da Quantidade de Movimento, o ângulo de incidência é igual ao ângulo de reflexão (Lei da Reflexão), ao passo que o ângulo de refração pode ser dado pela Lei de Snell, de acordo com o índice de refração de cada material.

Porém, segundo Figueiredo e Pietrocola (2000, p. 25), “toda superfície de separação entre dois meios transparentes possui um ângulo limite de incidência, acima do qual a luz não refrata, mas se reflete totalmente”.

No tópico seguinte, é estabelecido um conceito de cor para, num segundo momento, discorrer sobre o processo de formação de cores por pigmentação, pelo processo aditivo e subtrativo.

2.1.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE CORES

Conforme Rousseau (1980, p. 16) “a palavra cor designa uma luz, isto é, uma radiação de certo comprimento de onda”, partindo do princípio científico de que a luz solar, formada de uma mistura de radiações simples, pode ser decomposta em seus elementos, por meio de prismas ou de redes. E sabe-se, também, que essas radiações são classificadas segundo o seu comprimento de onda e que a gradação de cores decresce, de forma imperceptível, do vermelho ao violeta.

Neste sentido, Farina (1990), afirma que a cor pode ser definida como:

Uma sensação visual oferecida pela natureza através da irradiação dos raios de luz. É uma onda luminosa, um raio de luz branca que atravessa nossos olhos. A cor será, pois, uma produção do nosso cérebro, uma sensação visual colorida, como se nós estivéssemos assistindo a uma gama de cores que se apresentasse aos nossos olhos, a todo instante, esculpida na natureza à nossa frente (FARINA, 1990, p.21).

Já quanto ao processo de formação de cores, a conclusão de Newton é que as fontes luminosas brancas possuem todos os comprimentos de onda. Em consequência disso, uma fonte luminosa colorida tem um comprimento de onda dominante que define o seu matiz.

As fontes luminosas não são somente caracterizadas pelo matiz, que é a presença de um comprimento de onda dominante, mas também pela intensidade ou brilho, que é a amplitude do comprimento de onda, e a saturação que é a concentração em torno do comprimento de onda dominante. (BERTULANI, 2003, p. 17).

Partindo das três principais características de uma fonte luminosa, que são a matiz, o brilho e a saturação, tem-se que, ao misturar a tinta saturada (colorida) com a tinta branca há uma perda de pureza, tornando esta tinta mais clara. Por outro lado, ao misturar-se esta tinta saturada com o preto ocorrerá uma perda de luminescência, ou seja, tons mais escuros. Os diversos tons de cinza aparecerão ao misturar-se a tinta branca com a preta, e todos os outros tons existentes ficarão

espalhados dentro deste triângulo definido pelas cores branca, preta e tinta saturada. Quanto ao processo de formação de cores, ele ocorre de três maneiras: por pigmentação, pelo processo aditivo e subtrativo.

O processo de formação de cores por pigmentação baseia-se na descrição da paleta de cores de um pintor. Ao atingir a camada de pigmentos, a luz sofre processos de reflexão, absorção e transmissão, fenômeno conhecido também como espalhamento, produzindo assim as cores desejadas. Esta é uma técnica muito utilizada na pintura de quadros.

Outro processo de formação de cores é o processo aditivo, em que duas fontes luminosas de cores diferentes são projetadas em duas regiões. Na área de interseção ocorre a formação de uma nova cor, uma vez que, o olho não consegue distinguir componentes. Nesse sentido, (1980, p. 16) afirma que “a partir dos extremos violeta e vermelho, o olho humano não percebe mais nada”. Outro processo de formação de cores é o subtrativo, semelhante ao processo utilizado em *slides*. Baseia-se no uso de filtros ou corantes que têm por objetivo filtrar determinados comprimentos de onda.

Ao se emitir uma luz branca, que possui todos os comprimentos de onda, sobre um filtro verde, este filtra todos os comprimentos de onda deixando só passar o comprimento de onda relativa à cor verde, produzindo assim o verde. Na utilização de corantes o processo é o mesmo só que são usados pigmentos que absorvem e refletem alguns comprimentos de onda. (BERTULANI, 2003, p. 19).

Remetendo ao processo aditivo de formação de cor, o olho humano não consegue diferenciar componentes e sim a cor resultante. Isso acontece, segundo Bertulani (2003) porque os raios luminosos incidem na córnea e, assim, são refratados. Depois os raios luminosos incidem sobre a lente que os projeta na retina.

No interior da retina, os cones e os bastonetes são dois tipos de fotorreceptores que convertem a intensidade e a cor da luz recebida em impulsos nervosos. Esses impulsos são enviados ao cérebro através do nervo ótico e então se tem a percepção de uma imagem.

Conforme Figueiredo e Pietrocola (2000), os fotorreceptores do olho humano apresentam características diferentes: os cones são três e respondem ao espectro das cores vermelha verde e azul, distinguindo as cores pelo processo da tricromacia. Já os bastonetes, embora existam em quantidade maior que os cones, só conseguem captar a luminosidade da cor, isto é, só respondem a um espectro e desta forma não diferenciam cores. Para que uma imagem se forme no olho humano, é necessário que haja a interação dos cones e dos bastonetes.

Na concepção de Valcapelli (1997, p. 62):

O preto é a não percepção, a vibração que está além da frequência dos olhos humanos. Essa energia não afeta nenhum dos cones ou bastonetes, que são responsáveis pela transmissão das ondas coloridas para o cérebro, justamente por não refletir a luz, mas sim absorvê-la; ao contrário do branco que reflete e estimula todas as cores.

Por sua vez, Guimarães (2000), afirma que os efeitos das cores são captados não só pelo olho humano, mas também pelo cérebro e pelo corpo como um todo.

As projeções dos estímulos cromáticos para a área pré-frontal, hipotálamo e o sistema límbico completam a percepção consciente e emocional da cor e, dessa forma, um mesmo estímulo é interpretado de maneira variada por diferentes indivíduos [...]. Sempre se percebe a cor dentro de um contexto mais abarcador. Todas as sub-redes operam cooperativamente. (GUIMARÃES, 2000, p. 51)

Ainda para Guimarães (2000), os códigos de linguagem ou códigos secundários são formados a partir dos códigos primários da percepção visual e da decodificação neurônica das cores. É a partir daí que as pessoas adquirem

naturalmente um repertório de signos que, com a atuação reguladora dos códigos secundários, passa a constituir a linguagem das cores.

Uma reação fotobiológica envolve a absorção da luz de comprimento de onda específico por uma molécula receptora. Este tipo de reação é bem conhecido dos organismos vivos, onde encontramos moléculas fotorreceptoras naturais como a rodopsina (responsável pela visão) e a clorofila (fotossíntese). (CARLOS, 2007, p.11).

No tópico seguinte, é feita a abordagem da classificação das cores em cores primárias, secundárias, terciárias, bem como as gamas e gradações.

2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS CORES, GAMAS E GRADAÇÕES

A idéia de cores primárias já era difundida desde a Antiguidade, com Aristóteles, que foi quem primeiramente as classificou em sete, de acordo com o princípio de enfraquecimento da luz branca. Leonardo da Vinci, na Idade Média, postulou que o branco não era uma cor porque significava o resultado de outras cores, argumentando no sentido do conceito moderno de cores primárias:

Chamo cores simples aquelas que não podem ser feitas pela mescla de outras cores. O branco, se bem que alguns filósofos não aceitem nem ao branco nem ao preto como cores, porque um é a causa do outro e o outro a privação da cor, o colocamos em primeiro lugar. O amarelo, o verde, o azul, o vermelho e o preto vêm em continuação. O branco equivale à luz; o azul, ao ar; o vermelho ao fogo; o preto às trevas. (DA VINCI *apud* GUIMARÃES, 2000, p. 65).

Com o passar dos tempos, a literatura que estuda as cores as classificou em cores primárias, secundárias e complementares. Do ponto de vista da ciência Física a classificação primária das cores seria com base em um fenômeno inteiramente perceptual, uma vez que a característica primária não altera em nada o comprimento

das ondas eletromagnéticas. Porém, do ponto de vista da observação psicológica das cores, Franckowiac (2000, p. 135) “o indivíduo, quando se depara com as cores no campo perceptivo, é quase obrigado a olhar mais para as primárias do que para qualquer outra”.

Ainda, Franckowiac (2000) se refere que a força ou direção do olhar, também chamada de vetor, é orientada primeiramente para uma das cores primárias. No geral, as cores primárias comportam-se como ponto referencial, pois todas são necessárias para criar apoio e equilíbrio completo num plano pictórico. “Quando falta uma delas, desaparece a vida, o ritmo; a mensagem de um quadro desperta estados subjetivos de melancolia e tristeza no receptor [...]. O desequilíbrio suscitado cessa logo que a lacuna é preenchida” (FRANCKOWIAK, 2000, p. 136).

Já as cores secundárias são aquelas formadas pelo equilíbrio ótico e físico entre duas cores primárias, isto é, são cores obtidas pela mistura de duas cores primárias em quantidades e em intensidades iguais. Quanto à explicação sobre a formação das cores complementares, Guimarães (2000) explica que cada cor primária necessita da soma das duas outras primárias para completar a síntese, e a soma destas outras cores primárias dá origem a uma cor secundária. Assim, a primária e essa secundária são consideradas cores complementares. Assim, em ambas as sínteses, o verde é complementar ao magenta, o vermelho complementar ao cyan e o amarelo complementar ao azul. Franckowiac (2000, p. 143) “as cores complementares são assim chamadas, exatamente, pelo fato de uma cor servir de complemento à outra, mesmo que somente em forma de reflexos ou pós-imagem”.

Os processos de adição e subtração das cores dão origem às cores complementares geradoras e às cores complementares fundamentais. As geradoras

são cores que, em combinação, produzem um branco ou um cinzento monocromático, enquanto que as complementares fundamentais são cores que, na retina humana, precisam uma da outra para se complementar mutuamente (FRANCKOWIAC, 2000). Já a mistura de uma cor primária com uma cor secundária produz uma cor terciária. É interessante comentar que uma cor terciária é sempre complementar a outra cor terciária.

Numa analogia entre a cor-luz e a cor-pigmento, Arnhheim (*apud* GUIMARÃES, 2000, p. 73), afirma que “errônea é a afirmação de que as luzes se misturam aditivamente, enquanto os pigmentos se misturam subtrativamente”, para manifestar seu entendimento de que não é correto vincular a organização das cores-luz à organização das cores-pigmento. Isso ocorre porque as cores-luz atuam com mais intensidade que as cores-pigmento, satura rápido a retina e solicitam dinamismo na troca de cores. Por outro lado, a impureza é muito mais presente na obtenção de pigmentos, o que resulta em queda de luminosidade e de cromaticidade.

Para esclarecer a questão, Guimarães (2000) argumenta que a luz intermediada pelo objeto apresenta a sua cor conforme a combinação das luzes refletidas enquanto a sua cor complementar é absorvida. Essa é a ação do pigmento do objeto, regida pelas regras da síntese subtrativa. A luz emitida diretamente pela fonte luminosa não é intermediada pelo objeto, logo, não sofre a ação da seleção dos pigmentos, e é regida, portanto, pelas regras da síntese subtrativa.

Ao finalizar as exposições neste tópico da pesquisa, no item seguinte analisa-se o equilíbrio e a harmonia de cores.

2.3 EQUILÍBRIO E HARMONIA DE CORES

Efetivamente, as cores provocam reações diferenciadas nas pessoas, o que varia subjetivamente, seja em função da preferência de cores de cada um ou mesmo pelas características peculiares de cada cor. Porém, não se pode ignorar que existam leis e princípios científicos que norteiam a composição e a harmonização das cores.

As cores existem no universo numa infinidade de tons e são usadas com propósitos diferentes dependendo do segmento em que são requisitadas. Por exemplo, a harmonização de cores varia de acordo com os critérios estabelecidos pelo artista plástico, pela publicidade e propaganda, pelo *design*, pela moda e até por critérios pessoais. Neste caso, o que significa harmonia de cores para um, pode não significar harmonia para outro. No entanto, o efeito provocado pela combinação de cores é causa na sua totalidade.

Uma composição cromática, como toda experiência visual, é dinâmica. As cores apresentam características de peso, distância e movimento que, combinadas à proporção e localização das formas, constroem uma informação complementar cuja totalidade provoca reações diversas no observador. A conquista de uma composição cromática agradável depende principalmente de dois sistemas de regras: o equilíbrio e a harmonia. (GUIMARÃES, 2000, p. 76).

Na perspectiva de Franckowiac (2000), quando uma cor se mistura visualmente à outra cor, cada uma delas passa a ter funções espaciais, de modo que favoreça a lógica das formas. Por exemplo, uma pessoa que olha para uma figura de fundo azul-escuro com letras ou figuras em vermelho cintilante não encontrará harmonia na composição final que é captada pelo olho humano e sentirá irritação. Porém, uma figura de fundo preto com letras ou imagens em cinza, ficará

bem mais destacada e terá harmonia visual e plástica. O valor exato de uma cor é relativo e depende do contexto do colorido. Assim, o vermelho intenso empalidecerá o ocre, empurrando-o para tons esverdeados ao passo que, o ocre cinza, quando próximo ao verde, parecerá rosado.

As cores dominantes são as mais fortes e expressivas da composição, enquanto que as cores subordinadas estão contidas em menor porcentagem, diluídas dentro das cores dominantes e se estendem para elas. “O equilíbrio e a simetria existem quando as subordinadas ligam-se à dominante, numa direção vetorial, apontando para aquilo que se quer destacar”. (FRANCKOWIAC, 2000, p.152).

Já para Guimarães (2000), o equilíbrio das cores é definido como a grande meta de qualquer desejo a ser realizado quando se utiliza as cores.

Trata-se de uma necessidade natural da nossa percepção visual. Na composição equilibrada, todas as tensões dirigidas, todas as forças de atração e repulsão, compensam-se mutuamente e a totalização do padrão aponta para a pausa. Assim como o equilíbrio físico, o equilíbrio visual, apesar de resultar em estabilidade, carrega consigo toda a energia presente nas relações entre seus elementos. (GUIMARÃES, 2000, p. 76).

Por outro lado, quando não existe harmonia cromática, as cores mais fracas são induzidas pelas mais fortes e, diante da necessidade de estabilidade criada pelo padrão visual, podem resultar em colorações ambíguas e prejudiciais tanto à relação das cores quanto à percepção do observador. Ao se investigar os pressupostos de harmonia e equilíbrio entre as cores, chega-se à concepção de Runge, Wundt, Ostwald, Munsell e Klee (*apud* GUIMARÃES, 2000), que desenvolveram a idéia de que qualquer regra construída a partir dos parâmetros de definição de cor corresponde uma representação geométrica das conexões entre as cores dentro do

círculo ou do sólido. “As formas para se obter a harmonia, e que podem ter suas representações nestes sistemas da cor, requerem basicamente a totalização das cores, organizada pelas mesclas complementares”. (RUNGE et al apud GUIMARÃES, 2000, p. 77).

Como a harmonia das cores depende de uma relação de equilíbrio entre as forças, Guimarães (2000) sugere que a interação das cores pode ocorrer de duas maneiras:

a) Por meio de cores complementares (uma primária e uma secundária ou duas terciárias);

b) Pela complementaridade da mescla de duas primárias com a justaposição à terceira primária.

Outra forma de se obter a harmonização de cores é pela semelhança entre os dominantes e pela semelhança entre os subordinados. Na semelhança dos dominantes, uma base primária forma as duas cores que se encontrarão no padrão, porém cada uma dessas cores terá a tendência manifesta para uma das outras cores primárias e delas adquirirão parte da sua expressão. Isso inclui a luminosidade, peso, movimento, ativação, passividade e outras características, criando relações de tensão. Já na semelhança pelos subordinados para se chegar à harmonização de cores, são necessárias duas cores primárias dominantes e uma terceira cor subordinada em comum.

Para se chegar à harmonia de cores de acordo com a proposta por Franckowiak (2000), é importante considerar a similaridade da dominante em que, uma cor pode ser dominante por natureza (saturação) ou espacialidade. Nesse caso, uma cor domina num ponto e ela própria, se dilui gradativamente em outras

cores de forma que a força vetorial se dirija para a dominante. “Isso cria a sensação de uma cena completa, rítmica e com inteireza”. (FRANCKOWIAK, 2000, p. 155).

Nas situações de harmonia por similaridade da dominante, cada par colocado simetricamente em relação a um pólo, as duas misturas permanecem próximas no pólo no círculo de cores e participam da cor dominante, que é o azul, compondo uma relação que induz na direção da busca de equilíbrio. Dessa forma, a semelhança da dominante produz duas cores essencialmente idênticas e harmônicas.

Porém, Franckowiak (2000) fala ainda na inversão estrutural como forma de se obter a harmonização de cores. Trata-se de um tipo de composição desarmônica em que uma cor é dominante num ponto e passa a ser subordinada em outro, mas ainda é dividida por outra cor que não tem nada a ver em comum com o conjunto.

Se for composto um quadro de acordo com essa situação, ele se tornará dividido em camadas, pesado e sem inteireza. Porém, a inversão estrutural vai ocorrer caso dois elementos troquem de posição. Ou seja, quando a cor que atua como subordinada em uma mistura é a dominante da outra e vice-versa, fazendo com que as misturas se apresentem na mesma escala. Uma vez definidas as propriedades harmônicas das cores e ter mencionado algumas situações hipotéticas para servir de ilustração, cabe ainda considerar outras polaridades da cor como o contraste e as características de serem cores quentes ou frias.

O contraste pode ser entendido como a oposição entre as coisas, e quando se refere às cores, uma cor tem a finalidade de fazer sobressair uma figura ou elemento destacado.

Os valores polarizados são atribuídos para a delimitação do espaço paradigmático das cores. A partir dos códigos primários da percepção das

cores e de códigos culturais construímos polaridades que correspondem a outras expressões perceptivas, como cor e temperatura, cor e peso, cor e movimento, etc., ou as emprestamos do mundo natural. (GUIMARÃES, 2000, p. 80).

Ao analisar o contraste das cores, Franckowiak (2000) afirma que o processo perceptivo de diferenciação entre os elementos de um quadro pictórico depende do grau de semelhanças e contrastes que servem de parâmetro para a compreensão do todo. “Os contrastes chamam a atenção em primeiro lugar, ajudam na memorização dos detalhes e na distinção dos mesmos no espaço, sugerem profundidade, distância e tridimensionalidade”. (FRANCKOWIACK, 2000, p. 173).

Já o branco utilizado como fundo tem a qualidade de dar destaque ao vermelho, verde, azul escuro, bem como às letras pretas em *outdoors* e placas. Ao se analisar a polaridade da temperatura aplicada às cores, as cores quentes são relacionadas aos matizes da faixa amarelo-laranja-vermelho e as cores frias são relacionadas aos matizes da faixa verde-azul. Dessa forma, o universo das cores pode ser dividido em dois hemisférios: o superior, que é quente, e o inferior, que é frio, com as cores próximas ao limite entre os dois hemisférios em posição ambígua. Na concepção de Guimarães (2000, p. 80):

Esta separação, bastante adequada para uma paleta utilitária de cores, corresponde entre a similaridade com o mundo natural e a relação dele com o corpo humano: os tons verdes e azuis e os elementos relacionados a resfriamento, água e ar; e os tons vermelhos e amarelos e os elementos relacionados a aquecimento, fogo e sol.

Outra separação ou polaridade das cores em busca de harmonização é a que relaciona a temperatura à luminosidade das cores, de forma que o amarelo é entendido como a cor mais luminosa e a representante mais próxima da luz ao passo que o azul-violeta passa a ser o representante mais próximo da sombra.

Cabe, ainda, a representação física de luminosidade, que também é transportada para a vinculação conceitual em que a sombra é fria e refrescante e a luz é aquecedora. Porém, quanto mais distante uma cor estiver dos dois pólos, mais ambígua passa a ser a sua representação, o que faz com que um verde amarelado pareça quente entre tons de azul, porém pareça frio entre os tons de vermelho e laranja.

Uma vez que a temperatura da cor não se refere à temperatura física, Guimarães (2000) a considera como uma sensação associativa intermediada pelos códigos da linguagem. Isso porque, por si só, a cor não tem a força necessária para produzir diretamente a sensação de temperatura, embora um ambiente verde-azulado possa tornar uma sala quente mais suportável ou uma sala laranja aquecer o ânimo das pessoas num dia frio. Neste sentido, Arnheim *apud* Guimarães (2000, p. 81) afirma que “uma pessoa fria nos faz afastar. Uma pessoa calorosa é aquela que nos faz abrir. Do mesmo modo, as cores quentes parecem convidar-nos enquanto as frias mantêm-nos à distância”.

Os referidos autores se referem à capacidade de atração e de afastamento como uma característica fundamental na delimitação de espaço das cores. Este assunto e outros que complementam as análises neste estudo são analisados no próximo tópico da pesquisa.

2.4 AS CORES NAS CRIAÇÕES HUMANAS, NOS USOS E COSTUMES

As cores têm participação e influência fundamental na vida das pessoas. Principalmente as mulheres, costumam passar horas na frente do espelho e,

inclusive, atrasam compromissos, na extensiva busca pela cor de roupa que favoreça uma combinação ideal. A indústria do *design* lança novos produtos, porém, as cores têm uma participação importante em todas as etapas de desenvolvimento das peças, ao passo que a indústria da informação e do marketing utiliza as cores como uma forma de causar a identificação entre o indivíduo e o objetivo principal. Dessa forma, as capas de revistas, jornais e outros veículos de mídia relacionam a notícia (mensagem) ao tipo de cor indicada para causar essa identificação.

Já as empresas costumam escolher a cor ideal para ilustrar as embalagens de produtos, porém, com a intenção principal de chamar a atenção do consumidor, atrair o interesse e provocar o desejo de comprar em função da cor.

De acordo com Zeidan (2005), a literatura esotérica afirma que as cores influenciam na personalidade de acordo com a preferência de cada um. A primeira cor de preferência, refere-se aos aspectos da personalidade real, ou seja, como o indivíduo se mostra para os outros; a segunda cor de preferência, refere-se aos objetivos da vida, ou seja, o que se almeja da vida. Já a cor não preferida se referiria às suas frustrações. Entretanto, é importante destacar que as preferências de cores, mudam de acordo com o momento emocional do indivíduo. Quanto aos efeitos das cores afirma que algumas evidências científicas sugerem que a luz vibrada pelas cores entra pelos olhos e pode afetar diretamente o centro das emoções humanas. Assim, cada pessoa responde à cor de uma forma particular e é atraída por certas cores em função de alguns fatores determinantes. Essa escolha pode estar baseada na personalidade, em circunstâncias específicas ou em função de desejos e processos mentais mais íntimos ou inconscientes.

De modo geral, as pessoas não escolhem necessariamente uma cor porque ela vai trazer resultados positivos para si próprias, mas porque gostam dela. Existem testes psicológicos desenvolvidos para ajudar a conhecer mais sobre si próprios por meio da cor. A atração forte de uma pessoa pelo vermelho indica um tipo de personalidade afirmativo e extrovertido, de alguém que tem vontade firme, enquanto a aversão a essa cor sugere um indivíduo tímido e provavelmente isolado da sociedade. As cores têm influências nos componentes físico, mental e emocional de cada um.

Já para Pedrosa (1983), ao analisar a influência das cores no mercado da moda, considera a cor determinante tanto para a escolha da roupa quanto para o trabalho do *designer* que desenvolve a peça.

A maioria das pessoas escolhe a cor da roupa pelas suas preferências em relação à cor, porém, dependendo dos valores e crenças em relação à simbologia da cor, existem pessoas que decidem a compra de produtos pela interferência ou efeito que elas acreditam possam ser causados pela cor. (PEDROSA, 1983, p. 121).

Dessa forma, o trabalho do designer de moda exige que se faça uma pesquisa de tendências em relação a diferentes elementos que compõem o processo de desenvolvimento de produto, dentre eles a cor. É com base, também, na cor, que os *designers* desenvolvem as suas coleções e compõem os temas de inspiração. Em relação às jóias não é diferente e as pessoas têm critérios diferenciados para fazerem suas escolhas e decidirem pela sua compra.

Sendo assim, levando em conta os critérios subjetivos, mas também os apontamentos teóricos que dão subsídios para esta pesquisa passam-se a estudar os efeitos psicológicos que influenciam o uso das cores para a maioria das pessoas. As informações são baseadas nos fundamentos de Pedrosa (1983):

a) Amarelo: é uma cor geralmente é usada pelos intelectuais, estudiosos e pessoas que gostam de ocupar posições de autoridade e de controle. Vestir-se de amarelo "atrai a luz". Essa é a cor mais associada com o Sol e tende a gerar qualidades otimistas e positivas nas pessoas que a usam em suas roupas;

b) Laranja: acredita-se que usando roupas da cor laranja, pode-se demonstrar ter traços corajosos e aventureiros, entusiasmo e zelo em qualquer coisa que faça. O uso de roupas da cor laranja também estimula a conversação e o senso de humor;

c) Violeta: o uso de roupas violeta gera sentimentos como respeito próprio, dignidade e auto-estima. Essa é a cor usada pelos sacerdotes católicos para refletir santidade e humildade. Ela também está associada à monarquia, a extravagância e a prosperidade;

d) Verde: esta cor ajuda as pessoas a criar um ambiente equilibrado, suavizante e calmo à sua volta. Ela simboliza harmonia e equilíbrio. O verde em roupas e jóias tende a refletir tipos convencionais, pessoas que gostam de ater-se ao que é certo e justo e que preferem não se sobressair numa multidão;

e) Vermelho: acredita-se que essa cor atraia o olhar das pessoas e chame a atenção. Usar vermelho pode indicar ardor e paixão, ferocidade e força. Vestir-se de vermelho também pode indicar sexualidade vigorosa;

f) Azul: vestir-se de azul sugere espiritualidade e ordem. As pessoas que usam essa cor refletem um desejo de paz e quietude, tranqüilidade e até mesmo solidão;

g) Azul - turquesa: essa cor nas roupas indica que se quer ser visto como portador de jovialidade e vivacidade;

h) Preto: em geral, essa cor é usada por pessoas que rejeitam a sociedade ou se rebelam contra as normas sociais. É a cor usada pelos homens de negócios, policiais e padres para refletir poder e autoridade e pode também ser usada por pessoas que preferem parecer tradicionais e responsáveis. O que poucos reparam é do uso de roupa branca “forrando” o preto em muitos destes.

A propósito do uso de roupas pretas, Valcapelli (1997, p. 63) afirma que “o uso da roupa preta demonstra o desejo de poder manter-se misterioso ou tentar, assim, encontrar sua individualidade e descobrir quem realmente é. Representa o desejo de esconder-se atrás”. Neste contexto, relata ainda que os criados, que usam roupas pretas para serem discretos ou as pessoas com sobrepeso, que vestem a roupa preta para esconder a obesidade. “O preto tende a esconder os traços mais atraentes do rosto, faz o sorriso parecer desanimado e os olhos sem brilho e vitalidade”. (VALCAPELLI, 1997, p. 63).

Diante dos fundamentos expostos, foi feita uma análise das cores enquanto linguagem no cotidiano das pessoas. Levando-se em conta os estudos realizados neste trabalho com relação à cor nas suas visões religiosa, psicológica, esotérica e artística, é oportuno analisar a cor enquanto linguagem de marketing. Um exemplo mencionado por Guimarães (2000) é o uso da cor laranja para decorar ambientes e espaços gastronômicos devido às suas propriedades estimulantes do apetite ou mesmo o uso da cor vermelha para ilustrar cartazes de propaganda, por exemplo, para aquecer as vendas programadas para o Dia dos Namorados.

A ilustração salta muito rapidamente para a profusão das cores. A profusão cromática passou a fazer parte do cotidiano mais corriqueiro da mídia. Inflacionadas pela sua profusão invasiva, as imagens vão ocupando cada vez mais espaço em nosso cotidiano, não mais ilustrando os textos, mas se propondo como textos, culminando na expansão dos processos da visualidade e da visibilidade imagética. (GUIMARÃES, 2000, p. 1).

Esse argumento de Guimarães (2000) chama a atenção para as implicações da cor enquanto linguagem visual que é absorvida pelas pessoas e influencia nas suas tomadas de decisões. A cor como informação, valorizando o conceito de cor na sua dimensão aplicativa, ou seja, “a cor aplicada a algum objeto, seja ele corpóreo ou etéreo, material ou conceitual. A cor como informação desempenha determinadas funções quando aplicada com determinada intenção em algum objeto” (GUIMARÃES, 2000, p. 15).

Considerando que a cor comporta características e implicações culturais com seus sistemas de valores e conceitos, pode-se afirmar que a cor é manipulada para atender às exigências culturais de cada povo ou sociedade. Dessa forma, as cores vão sendo usadas para corresponder às simbologias de cada cultura. Seja qual for o conceito ou o valor atribuído à cor, ela comporta informações sobre linguagens, significados simbólicos e outras manifestações. “Uma estrutura de cor que, considerada informação, está acima da compreensão isolada de cada área de conhecimento”. (GUIMARÃES, 2000, p. 138).

Na cultura ocidental, que valoriza as cores ligadas ao seu aspecto simbólico, desenvolver um produto é aliar qualidades diversas com a leitura social que se faz dessa cor correspondendo ao atendimento de necessidades coletivas. Ou seja, uma vez que a cor tem um simbolismo ligado a significados diversos ela acaba causando uma identificação entre as pessoas que fazem à mesma leitura das cores. Ainda que para uns o vermelho signifique paixão ou violência, a essência dessa cor será sempre a identificação com a personalidade forte devido ao seu simbolismo.

2.5 O LÓCUS DA COR PRETA NAS GAMAS E GRADAÇÕES DAS CORES

Conforme Guimarães (2000), para os códigos secundários, ou seja, na linguagem da cor, a claridade e a escuridão não representam somente a presença e a ausência da luz. Tampouco, limita-se a serem duas cores fundamentais da sintaxe visual.

A partir da origem física dessas cores, comparece na oposição entre os signos positivo e negativo, entre o sim e o não, embora o preto possa ser apresentado como presença de grafismo (figura) e o branco como ausência de grafismo (fundo) na percepção de padrões visuais. (GUIMARÃES, 2000, p. 58).

Guimarães (2000) separa as cores em dois grupos: às claras e as escuras, de forma que as cores claras se aproximam mais do branco enquanto as cores escuras são próximas ao preto. Porém, em padrões visuais compostos, é necessária uma estrutura comparativa para diferenciar entre as cores mais claras e escuras e na nomeação da cor, claro e escuro passam a ser como adjetivos das cores fundamentais (verde-claro, verde-escuro).

Ao afirmar que “as características das cores também assimilam a suavidade do branco ou o peso do preto quando estes são atenuados”, (GUIMARÃES, 2000, p. 59), subentende que a cor preta é uma cor pesada e, dependendo da situação, pode até ser incômoda. No que se refere às peculiaridades da busca de harmonização da cor e do preto utilizado como contraste, Franckowiak (2000, p. 173) afirma que:

O preto é indicado para contorno e delineamento, mas raramente é usado em proporções iguais, junto e sozinho com o azul ou violeta, pois esta junção é melancólica, triste e desperta estados psicológicos desagradáveis de nostalgia. O preto forma excelente contraste e favorece a clareza quando usado com amarelo, vermelho e branco.

Dentro da proposta deste estudo, que é de averiguar os efeitos negativos da cor preta para a saúde humana, encontra-se na fala de Franckowiak (2000), um primeiro indício de que a cor preta não é salutar para o estado psicológico do usuário devido à sua propriedade de provocar melancolia, tristeza e nostalgia. Essa afirmação do autor leva a crer que ao substituir a peça de cor preta por uma de outra cor que produza efeitos agradáveis, evita-se o risco de estados psicológicos negativos.

Já nas relações primárias e secundárias da cor, o preto funciona como limite ou contraste, pois não se interliga com os amarelos, violetas, verdes e laranjas. O contorno negro evita o efeito de fusão espacial.

Ao analisar as afinidades que aproximam as cores vermelho e preto, a sua conclusão é de que o preto não é uma cor, assim como o branco. “Se o branco é a reunião de todas as cores, o preto é a ausência de toda cor, isto é, de toda luz”. (ROUSSEAU, 1980, p. 20). O entendimento guarda semelhança com as leis da física aplicadas às cores de que a substância preta, em física, é a que absorve todas as luzes e não transmite nenhuma. Conforme Rousseau (1980, p. 20):

Praticamente, uma superfície recoberta de uma camada espessa de pó preto (negro de fumo) se aproximará da substância preta no que diz respeito às radiações visíveis do espectro. Em compensação, esta superfície refletirá a irradiação invisível de grande comprimento de onda (infravermelha).

No entanto, conforme Rousseau (1980, p. 21), “se os corpos reagem às radiações luminosas, refletindo algumas e absorvendo outra é porque a Luz e a Matéria estão em perpétua troca de energia”. Já na concepção de Franckowiak (2000, p. 201) “as cores acromáticas, de um modo geral, são negativas quando

predominam na construção das Pirâmides de Pfister; seu percentual deve ser baixo e combinado com outros tons colorísticos”. Trata ainda do teste da Pirâmide de Cores, elaborado pelo suíço Max Pfister na década de 40 (FRANCKOWIAK, 2000).

Conforme Lacy (1989), levando em conta que os fundamentos científicos das cores, analisadas como comprimento de ondas, vibrações e energia, a cor pode ser dividida em três aspectos: Luz, Química e Sentido, cada um deles com suas próprias leis e fenômenos específicos. Por exemplo, a química como os cones do olho humano envolvem pigmentos e combinações a partir das três cores primárias, que são o vermelho, o amarelo e o azul de modo que se precisa de duas cores para fazer outra.

Essas cores se fundem da seguinte maneira: a mistura do vermelho com o amarelo resulta no laranja; o amarelo e o azul resultam no verde; o azul e o vermelho fazem o violeta, ao mesmo tempo em que essas cores se fundem no preto. A cor preta tem uma amplitude menor do que a amplitude das cores claras e, das cores primárias e secundárias, em proporção 9/8/6/6/4/3, o branco tem valor 12 enquanto o preto tem valor zero.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (1992) o preto é a cor oposta ao branco, mas tem igual valor absoluto. Como o branco pode se situar nas duas extremidades da gama cromática enquanto limite tanto das cores quanto das cores frias, segundo a sua opacidade e o seu brilho, torna-se então a ausência ou a soma das cores, isto é, a sua negação ou a sua síntese.

No tópico seguinte, discorre-se sobre aspectos gerais da simbologia da cor preta como simbologia cultural e nos estados patológicos.

3 A SIMBOLOGIA DA COR PRETA

A cor preta é carregada de simbologia para a maioria das pessoas, seja nas roupas, jóias, vestimentas, no enunciado de anúncios e de produtos, dentre outros. Remetendo à linguagem cultural das cores, geralmente o preto é associado ao negativismo, à ausência da cor, mas também para sinalizar algo perigoso.

Por exemplo, ao se tratar de frascos de veneno, a cor preta é associada à imagem mórbida de uma caveira ou mesmo para simbolizar perigo de contaminação nuclear. A cor preta também tem sido a preferida das tribos urbanas *punks*, *grunges* e *emocore*, que têm em comum o cultivo de hábitos e costumes traduzidos em morbidez. Dentre os comportamentos típicos desses sujeitos estão o uso de roupas pretas, a contestação, o uso de objetos que têm como emblema caveiras, vampiros e outros seres e entidades associadas ao mal.

Conforme Guimarães (2000), no Carnaval de 1997 o carnavalesco da Escola de Samba Unidos do Viradouro escolheu o preto para vestir os componentes da comissão de frente da escola para simbolizar as trevas que antecederam a criação do mundo. Considerando que as cores predominantes no carnaval primam pelo colorido vivo e intenso, o uso do preto absoluto em oposição a todas as cores revelou a força da informação cromática e garantiu a vitória da escola de samba.

Durante o governo do então Presidente Fernando Collor de Mello, uma manifestação popular pelo *impeachment* ficou conhecida como o Domingo Negro. Em situações cotidianas, muitas pessoas se referem às dificuldades de todo o tipo pronunciando a frase “a coisa está preta” ou “a situação é negra”.

Conforme Bystrina (*apud* GUIIMARÃES, 2000), a oposição vida-morte é a mais importante do início da cultura.

A morte, desde os primórdios, vinculada ao desconhecido e às trevas, é origem da simbologia ocidental do preto. O preto, além de ser a cor da morte e das trevas, é a cor do desconhecido e do que provoca medo [...]. O demônio preto, o vampiro, o lobisomem, etc. são figuras mais aterrorizantes que um curupira verde. (GUIIMARÃES, 2000, p. 91).

Ao se remeter aos vilões das histórias em quadrinhos e filmes, a maioria se veste de preto, com exceção do zorro e do Vingador Mascarado, que são personagens do bem, mas que usam o preto com a conotação de vingança.

Um trecho muito citado na maioria das bibliografias que estudam as cores é bíblico para referir que, em oposição ao preto, o branco é a cor da vida e da paz. “Disse Deus: haja Luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas”. (GÊNESIS *apud* GUIIMARÃES, 2000, p. 92). No sistema Judiciário, advogados e magistrados que participam de um Tribunal do Júri estão togados de preto, ao passo que no universo da moda, a cor preta é solene, traduz autoridade e é usada pela maioria das pessoas que participam de eventos formais.

Do ponto de vista religioso, “na herança do protestantismo, o branco, como cor da pureza, é utilizado nas vestes que tocam o corpo, por baixo do preto das vestes exteriores”. (GUIIMARÃES, 2000, p. 92). De maneira geral, o preto é associado ao desconhecido, ao medo da morte, enquanto que o simbolismo tem origem nas características físicas e fisiológicas da percepção, na expressão da ausência de luz e de ausência de ação.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (1992), simbolicamente, o preto é compreendido mais freqüentemente sob seu aspecto frio e negativo. Por se tratar de uma cor oposta às demais, é associado às trevas. “Lembra a significação do branco

neutro ou do branco vazio, e serve de suporte e representações simbólicas análogas, como a dos cavalos da morte, às vezes brancos, às vezes pretos”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 740).

Para Valcapelli (1997, p. 62) o preto é o extremo da luz numa concepção de energias opostas.

Do escuro surge a claridade que vai rompendo a noite e faz surgir o dia. A luz encontra na escuridão a condição necessária para se manifestar, trazer vida e calor, e por ela é absorvida. É no contraste dessas duas energias que percebemos o mundo físico e as cores, pois no muito escuro tornam-se invisíveis e no muito claro seriam ofuscantes.

Mas, ainda que o branco, simbolizado pela luz, seja considerado responsável pela construção, e o preto, simbolizado pela escuridão, representa a destruição e as trevas, esses dois opostos precisam entrar em equilíbrio. Para Valcapelli (1997), o efeito da cor preta é repulsivo e pode causar medos. Representa uma imagem espiritual do vazio, opressão e morte. Na sua concepção, o preto parece indicar revolta do indivíduo contra o destino.

Já para Lüscher e Scott (1989, p. 70) “o preto é o Não em comparação com o Sim do branco. O preto, como a própria negação, representa a renúncia, a entrega ou abandono final”.

3.1 AS CORES AGREGADAS A COR PRETA: CINZA, MARROM E PRATA

A cor cinza é a mistura da cor pigmento preto com o da cor pigmento branco, sendo as diversas matizes dependentes da quantidade de cada um, isto é, quanto mais pigmento preto mais cinza escuro ficará. A cor marrom se consegue misturando a cor pigmento vermelho com a cor pigmento preto, e as diversas

matizes dependem da quantidade de cada uma. A cor prata se consegue polindo superfícies na cor cinza.

3.2 O USO DA COR PRETA COMO SIMBOLOGIA CULTURAL

Para Guimarães (2000), ao se analisar a simbologia da cor preta no dia-a-dia das pessoas, constata-se que os códigos culturais também se caracterizam pela polaridade. É o caso das cores dos semáforos e sinais de trânsito em que o sinal vermelho é associado à negatividade e proibição enquanto a cor verde tem o significado positivo de permissão. No entanto, os valores são assimétricos, ou seja, normalmente o signo que recebe o valor negativo é o mais forte, denotando a assimetria que dá um sentido positivo e outro negativo para as mesmas cores dependendo da situação.

Dentro da perspectiva de classificação cultural das cores, Guimarães (2000) menciona um amplo estudo sobre a influência da cultura na percepção visual, que se tornou referência entre antropólogos e psicólogos da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos. Enquanto muitos pesquisadores analisam as cores do ponto de vista de suas propriedades químicas, biológicas e físicas, cresce o número de estudiosos que analisa a cor a partir do significado cultural.

Sabemos, por exemplo, que o preto é a cor do luto e da tristeza na maioria das culturas ocidentais, enquanto na China o luto se representa em branco. Nesse caso, a noção de cor é a mesma, o preto como cor negativa e o branco como positiva; o que modifica seu uso é a percepção da morte naquela cultura, entendida como elevação espiritual, e do nascimento, quase um castigo. (GUIMARÃES, 2000, p. 107).

A esse propósito, Valcapelli (1997) afirma que o efeito da cor preta é repulsivo e pode causar medos. Representa uma imagem espiritual do vazio, opressão e morte. O uso de preto nos funerais e no luto representa um período de depressão ou introspecção causado pela perda de uma pessoa querida. “Para os povos que aceitam a morte como o início de uma vida eterna, o branco é a cor escolhida para os funerais”. (VALCAPELLI, 1997, p. 63).

O preto guarda a dualidade com o branco variando de cultura para cultura. Por exemplo, o branco neutro tônico é associado, nas imagens do mundo, ao Eixo Leste-Oeste, que é o das partidas e das mutações, enquanto que o preto se coloca, por sua vez, no Eixo Norte-Sul, que é o da transcendência absoluta e dos pólos.

Conforme os povos localizem o seu inferno e o mundo subterrâneo no Norte ou no Sul, uma ou outra dessas direções é considerada preta. Assim, o Norte é preto para os astecas, os *algonquinos*, os chineses; o Sul para os maias e o Nadir, isto é, a base do eixo do mundo, para os índios *pueblos*. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 740).

Portanto, instalado debaixo do eixo do mundo, o preto exprime a passividade absoluta, o estado de morte concluído e invariante, entre duas noites brancas, que é a passagem da noite para o dia. O luto branco lembra os costumes messiânicos e franceses durante a época da Revolução Francesa, quando o luto exigia o uso do branco.

O luto negro é a perda definitiva, a queda sem retorno do Nada: o Adão e Eva do Zoroastrismo, enganados por Arimã, vestem-se de preto, quando são expulsos do Paraíso. Cor da condenação, o preto torna-se também a cor da renúncia à vaidade deste mundo, daí os mantos pretos que constituem uma proclamação de fé no Cristianismo e no Islã: o manto preto dos - os dervixes rodopiantes – representa a pedra sepulcral. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 741).

Ainda que no Ocidente o preto seja considerado a cor do luto, o preto é, originalmente, o símbolo da fecundidade tanto no Egito Antigo como na África do

Norte. No Tarô a carta do Arcano 13, a Morte, é preta, enquanto que na linguagem heráldica, a cor preta é chamada de *sable*, palavra de origem francesa que significa areia, relacionando a cor preta à terra estéril.

Como o preto se associa à idéia da morte e do mal, sinaliza contrário a tudo que faz menção ao Divino e evoca o que os povos hindus chamam de a Ignorância ou a Sombra de Jung. Em algumas imagens muito raras da Idade Média, Judas, o traidor, aparece com uma auréola preta (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992). No campo religioso, o preto é a evocação da morte e está presente nos trajes de luto e nas vestes sacerdotais das missas de mortos ou da Sexta-Feira Santa. Se junta às cores diabólicas enquanto Satã é chamado de Príncipe das Trevas e o próprio Jesus, em algumas iconografias, aparece vestido de preto quando é tentado pelo Diabo, como se estivesse revestido do véu negro da tentação.

Portanto, são infinitas as situações em que o preto predomina na simbologia ligada a vários aspectos da vida como algo negativo, ruim, que causa efeitos mórbidos sobre quem usa a cor preta.

3.2.1 O EFEITO DAS CORES NO CORPO HUMANO

O efeito das cores no corpo humano vem sendo objeto de investigação de distintas áreas do conhecimento tanto no campo científico da Psicologia, Psiquiatria, Parapsicologia, Cromoterapia, dentre outras. No campo da Parapsicologia, uma peculiaridade da cor preta mencionada por Mallmann e Mallmann (1996, p. 47) na leitura de fotografias Kirlian é de que “as tonalidades escuras, opacas ou oleosas

refletirão sempre um defeito personal ou alguma atitude desarmônica ou desagregada”. Mais adiante, ao se referir à cor preta especificamente, na leitura da aura Mallmann e Mallmann (1996, p. 52) afirmam que isso significa um sinal negativo para o portador do pigmento preto, mas que também afeta a saúde de outras pessoas:

Os indivíduos que apresentam na aura a cor marrom com pigmentos pretos, normalmente correspondem ao grupo humano dado à violência, estimulados pela frieza emocional. Os homicidas, larápios, magos negros, cujo desejo criminoso já se tornou habitual e consciente, portam uma espécie de imã áurico que atrai todo o tipo de discórdia. [...] Quando um homem de boa índole vê-se obrigado a conviver com indivíduos deste tipo, apresenta gradativos sintomas de doenças como: exaustão do sistema nervoso, sono em excesso, fadiga súbita, hipertensão, queda na taxa de leucócitos e não raro uma grande tendência a sofrer acidentes.

Conforme Lüscher e Scott (1989) a luz e as trevas, simbolizadas pelas cores claras e escuras têm efeitos sobre o organismo humano dependendo do tipo de cor usada. Sobre os efeitos anabólicos e catabólicos da luz e das trevas, vimos que há relação entre as necessidades somáticas do organismo e a escolha das cores claras e escuras. Os autores se referem ao que chamam de fisiologia das cores e mencionam que as situações que envolvem pessoas obrigadas a contemplar psicologicamente o vermelho puro durante períodos variáveis de tempo, mostram que:

Essa cor é de efeito decididamente estimulante no sistema nervoso – a pressão arterial se eleva e a respiração e as batidas cardíacas se aceleram. Logo, o vermelho é de efeito “excitante” sobre o sistema nervoso, especialmente sobre o ramo simpático do sistema neurovegetativo. Por outro lado, idêntica exposição ao azul psicologicamente puro tem efeito inverso – a pressão desce e o ritmo cardíaco e a respiração diminuem. Logo, o azul-escuro pé de efeito calmante, e atua principalmente através do ramo parassimpático do sistema neurovegetativo (LÜSCHER; SCOTT, 1989, p. 20).

Lüscher e Scott (1989) afirmam que, ainda, não se pode compreender perfeitamente o mecanismo pelo qual a cor é concebida no que diz respeito aos

seus efeitos e reações sobre o corpo humano. No entanto, eles baseiam as suas afirmações de que a cor exerce influência positiva ou negativa no corpo humano a partir da Teoria dos Contrastes do fisiologista Hering para elaborar o Teste das Cores, publicado na versão editorial de livro.

Hering observou que a púrpura visual (uma substância contida nos bastonetes da retina, dentro do olho, e também conhecida como rodopsina) era descorada sob a influência das cores vivas e se reconstituía quando exposta as cores escuras – que a luz tinha efeito catabólico (destrutivo), ao passo que a treva tinha efeito anabólico (construtivo). Segundo Hering, o branco submetia a púrpura visual ao catabolismo e a destruía; por outro lado, o preto provocava o anabolismo e devolvia a púrpura visual ao seu estado original (LÜSCHER; SCOTT, 1989, p. 21).

Baseados na teoria de Hering, Lüscher e Scott (1989) verificaram, ainda, que os mesmos efeitos das cores no corpo humano foram constatados com a combinação vermelho e verde e também com o amarelo e o azul. Essas cores resultaram num efeito de contraste aplicável a todas as outras cores em termos da claridade e da obscuridade.

Um dos suportes da Teoria dos Contrastes que embasa os fundamentos do trabalho de Lüscher e Scott (1989) está no funcionamento do córtex cerebral no que diz respeito aos órgãos dos sentidos. Por exemplo, no que diz respeito ao olfato, seria uma função cortical reconhecer e distinguir entre um perfume e outro. No entanto, quando se trata de um mau cheiro a reação é instintiva ao ativar a memória olfativa e relacionar o mau cheiro a alguma imagem escatológica. A reação da maioria das pessoas, numa última hipótese, vai desde a náusea ao vômito.

A visão cromática está igualmente relacionada com o cérebro e com as funções corticais. “Becker o demonstrou, em 1953, quando provou que uma rede de

fibras nervosas ia diretamente de um núcleo da retina até o mesencéfalo e o sistema pituitário”. (LÜSCHER; SCOTT, 1989, p. 22).

O que esses autores pretendem provar é que a distinção das cores, bem como a sua identificação, denominação e/ou quaisquer reações estéticas a elas, são todas funções do córtex; logo, elas são, antes de tudo, o resultado do desenvolvimento e da educação do que da resposta instintiva e reativa. Por outro lado, as funções visuais reflexivas e instintivas parecem seguir a rede nervosa até o mesencéfalo, que é muito mais primitivo, agindo em termos de contraste e afetando os sistemas físico e glandular através da pituitária, porém, de um modo ainda não plenamente esclarecido.

Franckowiak (2000) explica que a influência das cores também age sobre o sistema límbico do ser humano. Como a luz é composta de fótons, que são partículas eletromagnéticas desprovidas de massa, que se chocam com o olho e os neurônios contidos na retina, provocando a decomposição dos pigmentos, excitando de forma diferente os neurônios. “Esta excitação se estenderá por todo o sistema límbico, influenciando no comportamento”. (FRANCKOWIAC, 2000, p. 195).

Dessa forma, retomando o exemplo da reação negativa ao mau cheiro, Lücher e Scott (1989) relacionam que as pessoas também podem ter reações negativas em relação às cores. Isso porque eles se baseiam em estudos que comprovam que o córtex cerebral tem relação direta com as funções sensitivas do corpo humano. Portanto, se o mau cheiro provoca reações adversas para a maioria das pessoas, determinadas cores também o fariam.

Numa outra vertente de pesquisa, Farina (1990, p. 106) afirma que:

Algumas experiências psicológicas têm provado que há uma reação física do indivíduo diante da cor. [...] Podemos citar a experiência de Fere, que concluiu que a luz colorida intensifica a circulação sanguínea e age sobre a musculatura no sentido de aumentar sua força segundo uma seqüência que vai do azul, passando pelo verde, o amarelo e o laranja, culminando no vermelho.

Farina (1990) cita as experiências de Lüscher e Scott (1989) e, principalmente a fundamentação científica de que o sistema nervoso central e o sistema neurovegetativo englobam todas as redes de nervos e fibras através das quais o corpo e todos os seus órgãos são controlados, e assim se pronuncia.

A explicação de Lüscher é uma hipótese que pode ser discutida. A verdade é que todas as experiências comprovam a validade do uso da cor na terapia ou a importância de não se usar determinadas cores quando se deseja evitar certos efeitos psíquicos ou fisiológicos. (FARINA, 1990, p. 107).

Farina (1990) cita ainda as experiências de Goldstein com uma paciente que tinha uma área do cérebro afetada e que perdia o sentido de equilíbrio e sentia enjôos quando se vestia de vermelho. Ao usar roupas verdes os sintomas desapareceram. As experiências realizadas por Goldstein concluíram que as cores correspondentes a um comprimento de onda maior (por exemplo, o vermelho produz reação expansiva). O verde e o azul, por exemplo, que correspondem a comprimentos de onda mais curtos, tendem a produzir reação de contração.

Ao se analisar os comprimentos de onda da cor vermelha constata-se que ela é de 6,2 a 7,5m, enquanto que o comprimento de onda da cor verde é de 5,3 a 5,7m e o azul de 5,0 a 5,3m. Considerando que o preto é a ausência de luz e tem um comprimento de onda menor, é de se supor que produza reação de contração.

Uma peculiaridade em relação ao preto é quanto ao seu conceito na cromoterapia, ou seja, a técnica de terapia e cura pelo poder das cores. Em toda a bibliografia consultada para este trabalho em momento algum os terapeutas utilizam

a cor preta no tratamento devido aos seus efeitos considerados maléficos para o corpo. São utilizadas, via de regra, as cores vermelha laranja, amarela, verde, azul, índigo e violeta.

Cabe citar, também, referências sobre o ensaio do médico alemão J. Erbslöh *apud* Lüscher e Scott (1989, p. 24) sobre o “uso do Teste das Cores de Lüscher na Prática Médica”. O teste das cores é aplicado por parteiras da sala de parto e pelas secretárias do consultório, cabendo ao próprio médico a interpretação das cores.

O teste aprofunda a compreensão que o médico tem da formação psicológica do paciente e permite-lhe ser menos tendencioso nos julgamentos. Oferece dados importantes para uso no diagnóstico e na terapia, e também para o prognóstico de certas doenças. Devido à sua simplicidade e segurança, pode ser recomendado para uso geral. (ERBSLÖH *apud* LÜSCHER; SCOTT, 1989, p. 24).

Lüscher e Scott (1989) também realizaram experiências com o teste das cores no diagnóstico de instabilidades do sistema neurovegetativo, partindo do pressuposto de que as indicações de instabilidade são evidenciadas bem antes que seus efeitos se tornem evidentes. O sistema neurovegetativo influi na regularidade das funções corporais que normalmente não estão sob controle consciente como: os processos digestivos, a musculatura lisa, as secreções de várias glândulas e órgãos, coração e pulmões, o peristaltismo do trato alimentar. Órgãos genitais, dentre outros. Logo, a instabilidade nesse sistema pode ocasionar uma diversidade de efeitos, muitas vezes acompanhados de complicações orgânicas que podem se estender para outros órgãos.

O teste das cores apresenta um meio de diagnosticar a presença de instabilidade auto-reguladora, bem no seu começo, permitindo que se tome pronta ação terapêutica, para impedir o desenvolvimento de condições patológicas sérias. [...] Há relação entre as necessidades somáticas do organismo e a escolha de cores claras ou escuras (LÜSCHER; SCOTT, 1989, p. 50).

Ao realizar o teste das cores, os pesquisadores propõem uma evidência de que, um dos efeitos negativos da cor preta para o organismo é causar distúrbios e instabilidade no sistema neurovegetativo. Por exemplo, as cores mais claras são o amarelo, de número 4 e o vermelho, de número 3, ao passo que as cores mais escuras são o preto, de número 7, e o azul, de número 1. Quando o protocolo de teste mostrou o grupo com a combinação de cores 3 e 4 numa extremidade da linha ou próximo dela, com o grupo 1 e 7 na outra extremidade ou próximo dela, os pesquisadores detectaram a instabilidade auto-reguladora. Ou seja, quando as cores claras estavam no começo da organização das fichas de cores pelos pacientes, não foi detectada instabilidade, mas “com as cores escuras no começo (principalmente o preto) e as claras no fim, a instabilidade está presente há algum tempo e pode ter levado a uma deterioração patológica”. (LÜSCHER; SCOTT, 1989, p. 50).

Dessa forma, tem-se uma evidência científica comprovada por fontes de credibilidade quanto ao efeito negativo da cor preta para a saúde humana.

3.2.2 A CROMOTERAPIA

Consta na literatura da cromoterapia que o tratamento pela cor já era uma prática comum nas civilizações antigas do Egito, de acordo com os achados arqueológicos feitos na Idade Moderna.

Os egípcios construíram a cidade colorida de HELIÓPOLIS (cidade da luz), onde as cores também eram aplicadas nos tratamentos de saúde. Ensinavam que as cores vermelho, amarelo e azul eram as forças ativas dos seres físicos, mentais e espirituais [...] para o restabelecimento físico, psíquico e emocional. (VALCAPELLI, 1997, p. 14).

Segundo os fundamentos da cromoterapia, cada cor tem efeitos físicos e mentais sobre o organismo e, inclusive, as reações da retina à cor têm um efeito vital sobre o sistema nervoso. Em outras palavras, o organismo absorve energia pela pele através de sete pontos de entrada de energia chamados de *chakras*.

Conforme Leboyer (2003), a palavra *chakra* é de origem sânscrita que significa roda ou vórtice e que está relacionada com cada um dos sete centros energéticos que compõem a consciência e o sistema energético humano. Os *chakras* ou centros de energia funcionam como bombas ou válvulas regulando o fluir da energia através do sistema energético. Ao serem tocados pelo terapeuta e estimulados mediante a cor correspondente a cada um deles, os *chakras* equilibram o aporte energético.

Conforme Valcapelli (1997, p. 22):

As cores atuam no campo elétrico (vibracional) do organismo. Com isso, a cromoterapia não trata apenas os sintomas, ela atinge o campo energético dos órgãos e sistemas, podendo afetar até os padrões de pensamento, que são vistos pela metafísica como sendo a causa dos sintomas físicos.

O posicionamento dos *chakras* no corpo humano parece variar de autor para autor, no entanto, apresenta-se um esquema visual da localização dos *chakras* proposto por Amber (1983, p. 152): “plexo sacro, plexo da próstata, plexo solar, plexo cardíaco, plexo da laringe, plexo cavernoso e córtex pituitário cerebral”. A figura 1 ilustra o posicionamento e a cor de cada *chakra*.

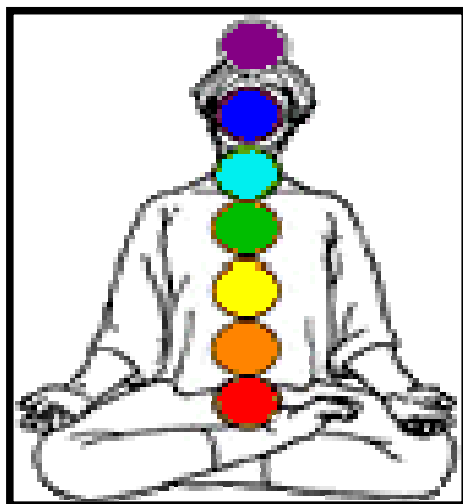


Figura 1: Posição dos chakras no corpo humano
Fonte: Os Chakras, 2011.

Conforme a literatura da cromoterapia, quase todas as doenças do corpo humano podem ser curadas pela cromoterapia, uma vez que a vertente oriental terapêutica, bases nas quais se assentam à cromoterapia, entende que se trata de desequilíbrios energéticos que podem ser restabelecidos e proporcionar a cura.

Dentre as cores utilizadas na cromoterapia, cada qual tem propriedades específicas, resumidas a seguir a partir dos fundamentos de Amber (1983), Valcapelli (1997), Leboyer (2003).

a) Vermelho: é a cor de *chakra* básico, vitalizadora em potencial que desempenha importante função na constituição física humana; é rica em raios caloríficos que aquece e estimula a circulação sanguínea. É uma cor que decompõe os cristais de sais ferroso (os glóbulos vermelhos absorvem o ferro e os rins eliminam o sal através da pele fortificando o sistema. Estimula a sexualidade e produz sensação de bem-estar. Misturando preto e vermelho ressalta o lado negativo: violência,

brutalidade, dominação, ressentimento, inibe a atividade mental e provoca desânimo;

b) Laranja: apesar de ser uma mistura das cores vermelho e amarelo, seu poder de cura é maior isoladamente; estimula a respiração e a tireóide e também é depressivo da paratireóide. Possui efeito anti-espasmódico e é usado em tratamentos de dores musculares e câimbras. Possui relação com baço, pâncreas, rins, glândulas supra-renais, paladar e o sistema linfático; além da vitalidade física proporciona o rejuvenescimento. Elimina a tristeza, frustração e medo, é uma cor antidepressiva e proporciona abertura para os sentimentos. Misturada com a cor preta, leva ao lado negativo que causa a destruição, desespero, exibicionismo, orgulho, desânimo, preguiça, dependência e necessidade de apoio nos outros;

c) Amarelo: é resultado da mistura da luz vermelha com a luz verde e por isso contém metade da força estimulante do vermelho e metade da capacidade regenerativa e equilibrante do verde; é estimulante da biliar e tem função vermífuga, além de energizar a região do estômago, favorecendo a digestão. Traz esclarecimento, discernimento e afasta o medo, pois proporciona esperança, espontaneidade e expectativa. Misturada à cor preta provoca o aspecto negativo da cor, induzindo à tristeza, sentimento de inferioridade, ciúmes, inveja e abstração;

d) Verde: é a cor média do espectro da luz e como está entre o vermelho e o violeta, caracteriza-se como a cor do equilíbrio e da harmonia do corpo físico, mental e emocional. Auxilia no bom

desempenho do coração e no ressuprimento de sangue; é calmante do sistema nervoso simpático e ajuda a combater insônia, irritação e esgotamento. Misturada com a cor preta, a cor verde perde suas propriedades benéficas e passa a suscitar mágoas e ressentimentos, ciúmes e superstição;

e) Azul: é considerada a cor de maiores propriedades terapêuticas porque relaxa o corpo todo e regula o desenvolvimento harmonioso dos tecidos e da estrutura orgânica. Produz efeito calmante e refrescante e é analgésico de todos os órgãos do corpo humano. Diminui a pulsação cardíaca e combate infecções e febre. Cor que controla o *chakra* laríngeo. Combinado com a cor preta novamente suscita o lado negativo da cor, incentivando a mentiras, infidelidade, estupidez, desregramento, desespero, falta de confiança e hipocrisia, dentre outros sentimentos e atitudes destrutivas;

f) Índigo: resulta da mistura do azul com pequena quantidade de vermelho; possui efeito relaxante, dissipador, ajuda a conter hemorragias e é mais anestésico que o azul. A fixação do olho nessa cor ajuda a curar qualquer tipo de dor, além de ser estimulante dos cinco sentidos. Quando essa cor é misturada ao preto também suscita os aspectos negativos da cor que podem levar ao excesso de austeridade, autoritarismo falta de compreensão, dispersão, negativismo e medo;

g) Violeta: é a combinação do azul com o vermelho, por isso comporta a capacidade de envolvimento e o relaxamento do azul e a capacidade de estímulo, de iniciação e atividade inerentes ao vermelho;

alimenta o sangue e a parte superior do cérebro, aumenta os leucócitos, estimula o baço e é importante para o desenvolvimento dos ossos. Detém o crescimento de tumores e é eficaz para acalmar pessoas excitadas e nervosas. Combinado com a cor preta resulta em aspectos negativos como a superestima de si próprio, egocentrismo, esnobismo, arrogância, fanatismo e traição.

Na Psicologia Corporal temos Federico Navarro com seu livro *Orgonomia Clínica*, publicado no ano de 2002, no qual apresenta a cromoterapia como técnica convergente auxiliar no tratamento das somatopsicopatologias. Navarro (2002) afirma que um dos princípios fundamentais da cromoterapia é a percepção dermo-ótica, ou seja, como disse Duplessis, a capacidade de reagir à superfície colorida enquanto existe um sistema relacional entre o homem e o ambiente. O homem absorve e emana a energia telúrica e cósmica. O frio, o calor, a umidade e a aridez são aspectos energéticos positivos ou negativos. Em relação à energia, a acupuntura, segundo a tradição chinesa, pode caracterizar uma correspondência entre (NAVARRO, 2002, p.61) apresenta:

- a) Seco –energia Tae Yin – azul;
- b) Frio – energia Chão Yin – vermelho;
- c) Frio seco – energia Tsue Yin – violeta;
- d) Umidade – energia Yang Ming – verde;
- e) Calor – energia Tae Yang – laranja;
- f) Calor úmido – energia Chão Yang – amarelo

A lei dos cinco elementos da escola de acupuntura associa as cores aos órgãos deste modo:

- a) Verde – fígado;
- b) Vermelho – coração;
- c) Amarelo – baço;
- d) Branco – pulmão;
- e) Preto – rim.

A cromoterapia consiste em expor o corpo (ou parte dele) à luz colorida segundo a sintomatologia a ser tratada. Tal irradiação utiliza o comprimento de onda das cores que tem uma ação vibratória sub-atômica, ou seja, energética.

Apresenta-se a seguir, a ação e a contra-indicação das cores:

a) Vermelho: age positivamente na anemia, na astenia, no resfriado, na tuberculose, na bronquite, na diarreia, favorecendo o metabolismo e estimulando o fígado. Estimula o “espírito” e pode ir desde um estado de excitação até a irritação. É a cor preferida pelas crianças e também foi preferida pelos primitivos: “um guerreiro que se impõe”. É uma cor quente. Essa cor é contra-indicada na hipertensão, histeria, febre e nos distúrbios psicológicos;

b) Laranja: age positivamente na asma, bronquite, gota, nos males dos rins, nos cálculos biliares, no hipertiroidismo, na amenorréia, no prolapso anal, na epilepsia, na prevenção dos tumores malignos. Não tem contra-indicação. Estimula o otimismo, o bem-estar e é um tônico sensual. É uma cor quente, acolhedora, ativa e luminosa. Aumenta progressivamente a energia estimulando a evolução;

c) Amarelo: age positivamente sobre o aparelho digestivo, sobre o fígado, na eczema, na diabetes, nas hemorróidas, nas mialgias

e nas parasitoses intestinais. Contra-indicação: excitabilidade, histeria, cardiopatias, alcoolismo. É estimulante cerebral e seletivo. É uma cor luminosa, que confere dignidade, júbilo, evoca riqueza material e espiritual. É uma cor que afasta os insetos;

d) Verde: age positivamente na insônia, nas cardiopatias, nos distúrbios emotivos, sobre a irritabilidade, na hipertensão, nas hemorróidas, sobre o fígado (em particular sobre a biliosidade = colerosidade), sobre a cefaléia, sobre as nevralgias e sobre o câncer. Tem o poder de “mudar” as idéias! Não tem contra-indicação, mas deve ser usado com moderação. O verde influencia o “crescimento” e a tenacidade. O verde vivo equilibra o sistema nervoso. Isso explica a tendência de usarmos essa cor como toalha de mesa, em mesas de jogos como carta, bilhar, etc.;

e) Azul: age positivamente na cefaléia, no vômito, na tosse nervosa, nas inflamações das amídalas, na tireóide, na conjuntivite, nos dentes, na insônia, no reumatismo agudo, na dismenorréia, na febre, na epilepsia, na gastrite, na queda do cabelo, nos rubores, nas queimaduras, na pele, na memória. Contra-indicações: resfriados, calafrios, hipertensão, paralisias, reumatismos e astenias. As roupas azuis contribuem para a depressão. É uma cor que favorece a paz, a tranqüilidade, a meditação. É uma cor harmonizante, contrária ao sentimento de egoísmo, pois faz exprimir a própria capacidade; confere calma. É uma cor fria, repousante, fresca; evoca o espaço, o mar e o céu;

f) Anil: age positivamente sobre a face (olhos, ouvidos e nariz), sobre a apendicite, sobre o nervo ciático, na desordem dos cinco sentidos, nos distúrbios visuais, catarata, na hemorragia nasal, nos zumbidos dos ouvidos, nas otites, sobre a hipoacusia e sobre nefrites. Não tem contra-indicação. O anil acalma a excitação mental, provoca vivacidade, sem alegria (!), estimula a intuição e a acuidade dos cinco sentidos;

g) Violeta: age positivamente no baço, na má digestão, na cistite, nos distúrbios renais, no ciático, no raquitismo, nos lumbagos, na queda de cabelo, na epilepsia e na asma. Não há contra indicação. É uma cor que acalma o nervosismo, a raiva (contida ou manifesta), a inveja, o ódio, a angústia e o medo. Provoca urgência de exprimir-se, estimula a união mística, a identificação e a fusão erótica. É uma cor fria, mas mesclada a outras, torna-se quente;

h) À parte, consideramos a cor branca, que age sobre o espírito e tem propriedade antibacteriana.

i) A ação das cores se dá através da indumentária e da luz do ambiente, que pode ser colorida. As sessões de cromoterapia se realizam expondo o corpo do paciente à luz de lâmpadas especificamente coloridas.

Como Amber (1983), Valcapelli (1997) e Leboyer (2003), Federico Navarro (2002) apresenta o poder de ação das cores na vida humana, sejam de ordem física ou mental, assim, nos tratamentos das Somatopsicopatologias temos nas cores uma ferramenta muito eficaz e importante, seja nos actings da Vegetoterapia Reichiana

utilizando luzes coloridas, seja usando uma luz apropriada à situação (psicológica) do paciente durante a consulta ou até usar tecidos coloridos na massagem relaxante, relacionados à cor de cada anel de formação de Reich, adaptado à cor de cada Chackra. Podemos ainda, nos valer delas para orientar nossos pacientes sobre a cor ideal do vestuário a ser usado, levando em conta as necessidades de cada um.

Como Amber (1983), Valcapelli (1997) e Leboyer (2003), Federico Navarro cita cores que apresentam reflectância, isto é, re-emissão de fótons que formam as cores. Denominava-se de Chakras os centros emissores das secreções hormonais. Sete é o número dos principais Chakras, com localizações no corpo muito semelhantes aos sete anéis de desenvolvimento, usados nas terapias Reichianas. Cada Chakra corresponde a uma determinada cor. Dessa forma podem-se relacionar nossas emoções com as cores:

CHAKRA	LOCALIZAÇÃO	PLEXO	GLÂNDULA ENDÓCRINA	COR	SENSAÇÃO PRINCIPAL
MULADHARA	Base da espinha	Coccygeal	Gônadas	Vermelho	Segurança
SVADHISTHA-NA	Raiz do pênis ou entre os ovários	Sacral	Gônadas	Laranja	Sensualidade
MANIPURA	No umbigo	Solar	Adrenais/ Pâncreas	Amarelo	Poder
ANÁHATA	No centro do tórax (entre os mamilos)	Coração	Timo	Verde	Compaixão
VISHUDDHA	No centro da garganta	Cervical	Tireóide/ Para-tiróide	Azul	Criatividade
AJNÁ	Entre as sobrancelhas	Hipotálamo	Pituitária	Índigo	Compreensão
SAH ASRÁRA	No topo da cabeça	Área motor suplementar	Pineal	Violeta	Intuição

Quadro 1: Os chakras

Fonte: Os Chakras, 2011

Diante do exposto, conforme se podem constatar, cada cor tem as suas propriedades curativas, porém, quando misturadas à cor preta, essas propriedades benéficas ficam anuladas. Como o preto é a ausência de toda a cor e absorve as demais cores, acaba por anular as propriedades curativas e sobrepõem-se através do negativismo que suscita nas pessoas.

Ainda que exista uma vasta produção literária sobre a cromoterapia e que, da mesma forma tenham se proliferado as clínicas de atendimentos terapêuticos utilizando os poderes curativos das cores, a cromoterapia ainda não foi aceita pelo pensamento científico dominante como uma ciência.

O que se sabe e se tem comprovado na prática cotidiana é que a maioria dos casos de atendimento resultam em relatos de casos clínicos bem sucedidos. Apesar da resistência da medicina tradicional quanto aos efeitos curativos das cores, a luz infravermelha é usada no tratamento muscular por médicos e especialistas sem qualquer contra-indicação.

3.2.3 O USO DAS CORES NA PSICOLOGIA PELA MTC

Esses estudos reforçam conhecimentos milenares de várias culturas, especialmente a Medicina Tradicional Chinesa (MTC) que entre outras técnicas estuda, incorpora e aplica o conhecimento das cores para atingir o equilíbrio das forças alternantes, interdependentes e recíprocas, entre o Yin (matéria) e o Yang (energia). Para demonstrar a funcionalidade dessa filosofia, utiliza um pentagrama chamado lei dos Cinco Elementos:

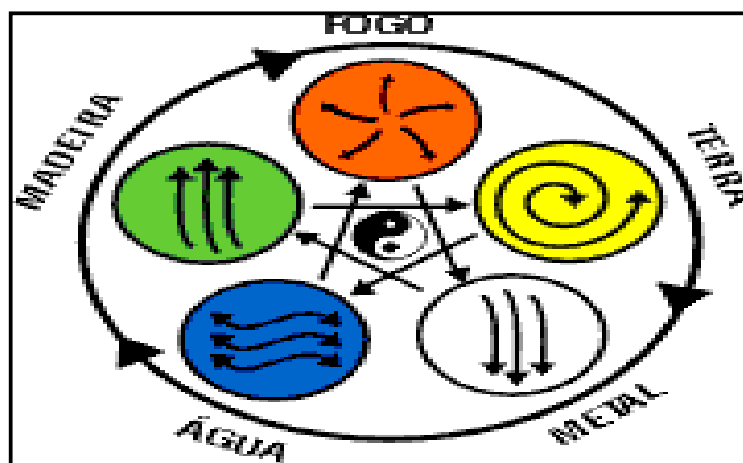


Figura 2: Os cinco elementos na MTC
Fonte: InterTao, 2011

A lei dos cinco elementos pode ser chamada lei dos cinco movimentos: ÁGUA (frio), MADEIRA (vento), FOGO (calor), TERRA (umidade) e METAL (secura). Neste artigo tratarei os movimentos somente no que tange aos órgãos, cores e emoções, pois o estudo de cada um deles é muito longo e abrangente. O Elemento ÁGUA: órgãos são Rim e Bexiga, têm a cor azul e remetem negativamente ao medo e insegurança, e as emoções positivas a vontade e a determinação; o Elemento MADEIRA: órgãos são Fígado e Vesícula Biliar, têm a cor verde e remetem negativamente a cólera e raiva e as emoções positivas são desejo, imaginação, competitividade; o Elemento FOGO: órgãos são Coração e Vesícula Biliar, Pericárdio e Triplo Aquecedor, têm cor vermelha e remetem negativamente a instabilidade, emotividade descontrolada, e as emoções positivas são alegria, conhecimento, consciência; o elemento TERRA: órgãos Baço-Pâncreas e Estômago têm a cor amarela e remetem negativamente preocupação, obsessão, manias e as emoções positivas são ponderação, reflexão e seriedade; o Elemento METAL: órgãos são Pulmão e Intestino Grosso, têm a cor branca e remetem negativamente

à tristeza, apatia, melancolia, e as emoções positivas são otimismo, carisma, sensibilidade, vitalidade;

Seguindo os princípios da MTC, constatamos na figura que a cor azul nutre o elemento ÁGUA, alimenta o elemento MADEIRA, controla o elemento FOGO, é controlada pelo elemento TERRA e é nutrida pelo elemento METAL. Da mesma forma podemos visualizar cada um deles. Seguindo este raciocínio, a cor azul nutre o elemento ÁGUA (órgãos, emoções), alimenta o elemento MADEIRA (órgãos, emoções), controla o elemento FOGO (órgãos e emoções), é controlada (órgãos e emoções) pelo elemento TERRA, e nutrida (órgãos e emoções) pelo elemento METAL.

Na ação terapêutica da Medicina Tradicional Chinesa, o uso de cada cor dependerá de um diagnóstico completo e holístico. Levando em conta todas as possibilidades, cada elemento será analisado separadamente, e sua relação com o conjunto. Levando em conta sua aparência, sua fala, modo de andar, se vestir, gesticular, sua cor aparente (semblante), suas emoções, suas queixas, seu pulso, sua língua, enfim, tudo que possa levar a decisões acertadas, pois a deficiência ou excesso em qualquer um dos elementos poderá ser aumentado, prejudicando ainda mais o estado de desequilíbrio energético. A regra pela lei dos cinco elementos possibilita tratar sempre a origem de uma patologia, e não o sintoma. Assim, cabe ao terapeuta holístico realizar um bom diagnóstico, para usar a cor ideal no tratamento.

Pela similaridade de diagnóstico da Psicologia Corporal Reichiana com a Psicologia da MTC, principalmente no que tange a descrição das emoções e seus bloqueios energéticos a nível muscular, podemos colher muitos dos dados

necessários para se basear no conhecimento da ação das cores na MTC, e utilizar as cores como terapia auxiliar coadjuvante no tratamento das Somatopsicopatologias da Psicologia Corporal Reichiana.

Ernani Trotta (1998) cita o sucesso do procedimento terapêutico de estimulação ocular com luz branca em movimento, criado por Bárbara Goldenberg Koopman e utilizado pelos orgonoterapeutas como uma das mais eficientes técnicas de desencouraçamento ocular. Apresenta uma variante, descrevendo o grande sucesso alcançado por aproximadamente cinquenta orgonoterapeutas que utilizaram por oito anos, luzes nas cores azuis, verde ou vermelha, além da luz branca no tratamento de diversas somatopsicopatologias.

4 PARTÍCULAS SUB-ATÔMICAS INTERAÇÃO COM O CORPO HUMANO

Reich ao estender da Psicanálise seus estudos ao conhecimento físico dos seus pacientes, na área da Fisiologia, Biologia, dedicou-se também a estudar a Física aonde chegou a acreditar que a bioenergia no organismo individual não é nada mais que um aspecto de uma energia universal, presente em todas as coisas, a qual denominou de orgônio, derivada de organismo e orgasmo.

A energia Orgônica cósmica funciona no organismo vivo como energia biológica específica. Enquanto tal rege a totalidade do organismo e se expressa por igual nas emoções e nos movimentos orgânicos puramente biofísicos. (REICH, 1948, pag. 356)

Segundo Reich, a energia Orgônica apresenta as seguintes propriedades:

- a) É livre de massa, não tem inércia nem peso;
- b) Está presente em qualquer parte, mesmo no vácuo, mas em diferentes concentrações;
- c) É o meio para a atividade eletromagnética e gravitacional, o substrato da maioria dos fenômenos naturais básicos;
- d) A Energia Orgônica está em constante movimento e pode ser observada em condições apropriadas;
- e) Altas concentrações de Energia Orgônica atraem a Energia Orgônica de ambientes menos concentrados (o que contradiz a lei da entropia);
- f) A Energia Orgônica forma unidades que se tornam o centro da atividade criativa. Estas incluem células, plantas e animais, e também nuvens, planetas, estrelas e galáxias;

g) A Energia Orgônica é caracterizada pelo fenômeno da iluminação e que – diferente da energia elétrica – tem como característica básica a pulsação (atração e repulsão).

Ao analisarmos estas propriedades da Energia Orgônica podemos compará-las às propriedades, particularidades e características das cores, que são constituídas na sua essência de partículas subatômicas, como os fótons.

4.1 FÓTONS

O fóton não tem massa, mas tem energia, freqüentemente interagem com a matéria; não tem carga (não é atraído nem repelido por cargas eletromagnéticas) viajam como a luz (é luz) a 300.000 km por segundo em linha reta, os fótons colidem e interagem de maneira análoga com outras partículas.

Os fótons são formados pelos ventos solares que chegam à Terra carregados de partículas de alta energia, principalmente elétrons que interagem com átomos da alta atmosfera da Terra. Através de colisões, essas partículas podem excitar os elétrons de Valença que estão ligados aos átomos neutros. Estes elétrons excitados se desexcitam, retornando ao estado inicial de baixa energia. Ao se desexcitar emitem um fóton, isto é luz. A combinação destes fótons, emitidos por muitos átomos, resulta, por exemplo, nas auroras Boreais. Elas têm correntes acima de Cem Mil Volts e geram energia acima de Um milhão de megawatts. (SARAIVA; OLIVEIRA FILHO, 2011).

Penso que Reich na descoberta da energia Orgone, estava se referindo a esta energia. A cor da luz desses fótons depende de qual átomo da atmosfera que se excitou pelas emissões eletromagnéticas do Sol. Assim por exemplo, temos a cor Azul do Céu pela excitação do Nitrogênio. O verde se forma na excitação do Oxigênio. O vermelho pela interação da excitação do Nitrogênio e Oxigênio, como também as varias tonalidades do verde. Assim também acontece com as outras Cores.

A luz na forma de ondas eletromagnéticas as quais formam Cores é um dos atributos do fóton. As emanações da luminescência humana são possíveis fotografar pela máquina de Kirlian, a qual possibilita, conforme Navarro (2002), investigar uma real observação bioenergética, pois se sabe que a energia Orgônica é caracterizada pelo fenômeno da luminação.

Conforme Antonio (2010) e Volpi (2003), o corpo humano absorve fótons através dos cromóforos, que são grupos de átomos que conferem cor a uma substância, e absorvem um comprimento de onda específica. Na pele humana os principais cromóforos são a oxiemoglobina, melanina e água. A absorção de determinado cromóforo depende do comprimento de onda da luz recebida (cores). Quanto maior o comprimento de onda mais profunda será a penetração no corpo. Grande parte da luz que chega ao corpo humano é absorvida pelos cromóforos fazendo com que o fóton deixe de existir e os cromóforos se tornem excitado, transformando o fóton em energia potencial elétrica.

Deste modo, o vestuário que utilizamos, dependendo do pigmento que determina a cor da roupa, pode funcionar como uma barreira de fótons, absorvendo-os, impedindo a energização corporal.

4.2 BIOFÓTONS

Biofótons são fótons emitidos pelo nosso corpo. São emissões de luz visível, ainda pequenas pela manhã, mas que aumentam ao longo do dia, sugerindo atividades metabólicas do relógio biológico, e também em minha opinião, absorção e re-emissão dos fótons solares absorvidos durante o dia. Prova disso é o fato de o rosto humano brilha mais que o resto do corpo, conforme o Instituto de Tecnologia de Sendai do Japão.

Os biofótons organizam os fenômenos químicos e celulares. Ao estudá-los podemos entender e compreender a incrível velocidade que um pensamento ou emoção atinge o sistema muscular, provocando contração ou relaxamento, o que em minha opinião, não seria possível pela via neural.

Segundo Navarro (2002), Reich desenvolveu dois testes de diagnóstico energético, sendo um deles ligado à leitura dos glóbulos vermelhos do sangue, chamado de “borda orgônica azul”, no qual os eritrócitos biologicamente fortes, quando observados ao microscópio com objetivas acromáticas de 300 a 600 amplitudes, apresentam uma intensa borda azul ou verde azulada, muito ampla. Já os eritrócitos fracos tendem a se decompor rapidamente e apresentam uma borda muito estreita e uma fraca coloração azul.

Hoje a física quântica estuda a emissão dos biofótons com muito interesse, conforme o pesquisador Marco Bischof (1998), onde da mesma forma que Reich, estuda-se a emissão de ondas eletromagnéticas – biofótons – das células saudáveis em relação às patológicas.

4.3 ORGÔNIO

Reich nos seus estudos descobriu uma energia que chamou de orgônio. Ao estudá-la profundamente, levou-o a acreditar que esta energia era responsável pelo funcionamento de todas as coisas, seja o átomo, matéria, célula, ser vivo, planetas, estrelas, constelações e galáxias.

Sandra Sofiati (2003) escreve que Reich entendeu que nós somos uma expressão energética individualizada da Energia Universal que anima todas as coisas, existindo uma unidade funcional entre as funções naturais do homem e as funções cósmicas. Assim, pensa o homem dentro de um ponto de vista biológico, emocional e social, mas inserido no mar de Energia Cósmica. Continua colocando que Reich concluiu que é a Energia que nutre o impulso vital (Freud: libido) encontra-se livre na atmosfera: o orgônio é o que sustenta todas as funções vitais.

A saúde física e mental advinha do livre fluxo dessa energia em quantidade apropriada ao corpo humano.

Uma das conclusões a que W. Reich chegou é que a energia que nutre o impulso vital (Freud: libido) encontra-se livre na atmosfera: o orgônio é o que sustenta todas as funções vitais. Seu fluxo livre, natural e espontâneo manifesta-se nos seres humanos como auto-regulação, responsabilidade, criatividade amor à vida e ao vivo. Seu bloqueio crônico cria estancamento energético e gera neurose, autodestruição, ódio à vida e ao vivo. (SOFIATI, 2003, p. 111)

Orgonótico é um termo que deriva da palavra orgônio, nome dado por Reich (1986) à energia vital que está presente dentro e fora do organismo. Representa um sistema de energia que vai sendo construído de acordo com as experiências físicas, energéticas e emocionais que envolvem a criança desde a sua concepção. Faz parte da construção desse sistema orgonótico de funcionamento o campo energético, o terreno energético, o temperamento, o caráter, a própria energia da criança e vários outros sistemas que são formados durante as etapas do desenvolvimento. (VOLPI 2002, p.65).

Numa situação de estresse, contraímos a musculatura o que consome energia, preparando-a para luta ou fuga. No estresse crônico, a musculatura fica permanentemente rígida enquanto houver energia corporal, impedindo e estagnando o livre fluxo de energia orgônica. A estagnação também ocorre quando houver falta de energia corporal, provocando flacidez crônica da musculatura. Reich (1995) denominou estas estagnações de Couraça Muscular. A Couraça Muscular propicia a instauração e manifestação das doenças. Ao contrário, situações de prazer e felicidade promovem expansão permitindo a absorção e o livre fluxo de orgônio pelo organismo, possibilitando um campo energético amplo, forte e vigoroso.

A conclusão de Reich (1973) foi que todo organismo vivo é uma estrutura membranosa que contém uma quantidade de energia orgônio dentro de si, em seus fluidos corporais. Portanto, o organismo vivo é um sistema orgonótico. (VOLPI; VOLPI, 2005, p.2).

Ao contrário das energias conhecidas pela Física que se propagam do local de maior potencial para o de menor potencial, a energia do orgônio atua de forma inversa, chamada assim de energia entrópica negativa. Como nosso corpo possui potencial de orgônio maior que o ambiente, podemos acumular orgônio que flui do exterior para o interior, seja na exposição direta em dias ensolarados, pela respiração e na alimentação.

Em dias ensolarados a energia orgônica está mais concentrada na atmosfera e pode ser acumulada com mais facilidade. Em dias nublados encontra-se enfraquecida. (VOLPI, 2003, p.1).

Um dos inventos mais polêmicos de Wilhelm Reich (1995) foi o Acumulador de orgônio, bastante conhecido por orgonoterapeutas, e utilizado por Reich em pessoas doentes com câncer. Reich (1995) acreditava que o câncer advinha de uma estase crônica da energia biológica do organismo - falta de orgônio - falta de luz.

Márcio Bischof (1998) apresenta os estudos científicos de Barbara Guggenheim sobre o câncer e conclui: Câncer é a perda da coerência e da capacidade de armazenar luz.

4.4 INTERAÇÕES ENTRE FÓTONS, CORPO E CONSCIÊNCIA

Acredito que medidas da energia radiante (cores-eletrons-fótons-biofótons-orgônio) são de ordem físico-corpo, enquanto a avaliação desta pela percepção humana-consciência é de ordem psicológica.

As células do nosso corpo possuem cromóforos, moléculas que absorvem a luz solar – energia luminosa e a convertem em energia potencial elétrica.

Na pele que recobre o ser humano, os principais cromóforos na região de luz compreendida entre 600 – 700 nm são: a oxiemoglobina, a melanina, a porfirina, e a água. Já na região de luz compreendida entre 400 – 500 nm são: flavinas, colágeno, dinucleótido de nicotinamina e nicotinamina.

No olho humano temos na retina células fotorreceptoras (rodopsina) que conhecemos como cones e bastonetes.

Na fototerapia direta a absorção de luz por uma molécula endógena (natural), como proteínas ou ácidos nucléicos, pode conduzir a reações bioquímicas específicas ou pode afetar todo o metabolismo celular. (CARLOS, 2007, p. 7)

Conforme Carlos (2007) o uso direto da luz como agente terapêutico é importante nos casos de deficiência da vitamina D, icterícia, depressão e etcetera.

A irradiação com luz visível pode ter um efeito bioestimulante, que ocorre quando a luz promove uma alteração na cadeia redox da mitocôndria. Este processo pode levar tanto à vasodilatação como à vasoconstrição. Isto ocorre porque muitas das proteínas que participam da cadeia respiratória podem também atuar como receptores de luz.

A interação entre a pele e o Sistema Nervoso Central é bastante conhecida pela sua ligação direta de origem – o ectoderma - das células embrionárias. A ligação se processa por neurotransmissores denominados de neuropeptídeos.

Há evidências crescentes de que a inervação cutânea é capaz de modular uma variedade de fenômenos cutâneos agudos e crônicos, interagindo com as células da pele e seus componentes imunes. Essa forma de sinalização local entre tecido nervoso e tecido cutâneo ocorre especialmente por meio dos neuropeptídeos, uma numerosa família de neurotransmissores de natureza química comum e nomenclatura heterogênea presentes em todo o sistema nervoso e secretados pelas fibras nervosas cutâneas. São alvo desta revisão os neuropeptídeos substância P (SP), o peptídeo relacionado ao gene da calcitonina (CGRP), o peptídeo vasoativo intestinal (VIP), o peptídeo ativador da adenilato-ciclase pituitária (PACAP), o neuropeptídeo Y (NPY) e a somatostatina (SOM). (KALIL-GASPAR, 2003, p.01).

Na referência do trabalho de Kalil-Gaspar (2003) acima, chama-me especial atenção a produção de neurotransmissores pela pele, intestino e pituitária. Todos ligados à luz – cores – sejam dos alimentos, da visão ou na absorção da pele.

Dessa forma, através da absorção de energia luminosa (fóton) as células vivas se energizam, possibilitando aportes bioelétricos elétrico para realizar interação entre o corpo e consciência.

5 JUSTIFICATIVA

Acredito que a saúde do ser humano deve ser vista como um todo, onde o corpo, a mente e o espírito interagem de forma global e holística, onde um depende do outro, não havendo como ter saúde física e não mental, e vice-versa.

Esta é também a meu ver, a visão da Psicologia Corporal Reichiana, conforme Raknes (1988) Reich dizia “que qualquer coisa que nos chame a atenção, constitui objeto legítimo de pesquisa”. (RAKNES, 1988, p. 38).

Na Clínica onde trabalho, nada me chama mais a atenção do que as roupas usadas pelos nossos clientes, e a devida correlação à saúde. As pessoas com problemas que denominamos na Psicologia Corporal de somatopsicopatológicos, costumam se trajar com roupas e adornos nas cores que neste trabalho, procuramos mostrar que são inconvenientes em termos energéticos.

Felizes ficamos quando conseguimos mudar o padrão, com o reconhecimento das mudanças que atos simples como mudar a cor das roupas e adornos (evitando usar cores prateadas, cinza, preto e marrom) conseguem atingir, no que tange à saúde e bem estar. Espero com este trabalho ampliar o número de pessoas que possam usufruir este conhecimento milenar e ao mesmo tempo atual, pois o propósito da Psicologia Corporal é reconduzir o corpo ao prazer, reconciliando as emoções ao corpo. Sentir prazer e vida no corpo, segundo Lowen (2004) é a meta essencial de nossas ações.

Esta Monografia tem o propósito de demonstrar os possíveis efeitos das cores nas sensações humanas ligadas a emoção. O Dicionário Oxford descreve que uma emoção é uma agitação da mente. Durante milhares de anos os orientais

desenvolveram conhecimentos e técnicas – algumas simples, outras extremamente complexas envolvendo postura, respiração, som, cores, visualização, concentração, dieta, uso da água, vestuário e ambiente, para harmonizar as secreções hormonais das glândulas endócrinas, para ganhar controle sobre nossas emoções e em nossa vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é constituído diretamente de setenta e cinco por cento de água, chegando a 92% combinado com outras moléculas do corpo. A água é responsável pela garantia da vida de todos os seres pela grande capacidade de armazenar energia, proveniente do Sol e das Estrelas na forma de fótons, conforme apresentado neste trabalho. Na Psicologia Corporal Reichiana, denominamos esta energia de orgônio.

Nas cidades com grande poluição atmosférica, nos dias nublados, chuvosos ou em lugares onde meses não há Sol, nós nos sentimos oprimidos e ansiosos pela volta dos dias ensolarados. Isto se explica pela pouca quantidade de orgônio que chega a nós, nestes dias. O mesmo pode acontecer com adornos e roupas com corantes e pigmentos que absorvem grande quantidade de luz (fótons), impedindo nossa capacidade de armazenar o orgônio. Estes corantes e pigmentos são os que formam a cor preta, prata (niquelado, ouro branco, inox), cinza e marrom.

Somos conduzidos por interesses financeiros que se utilizam da moda e propaganda a usarem roupas e adornos com pigmentos nocivos, utilizar alimentos geneticamente alterados, ou adicionados corantes, para se apresentarem mais atrativos ao consumo, não levando em conta muitas vezes os efeitos maléficos ao ser humano e ao meio em que convive.

Assim, espero com este trabalho ter produzido informações que auxiliem orgoneterapêutas e pessoas em geral, a levarem em conta o efeito das cores nas somatopsicopatologias.

REFERÊNCIAS

- AMBER, Reuben. **Cromoterapia: A cura através das cores**. 10 Ed. São Paulo. Cultrix, 1995.
- ANTONIO, Carlos Roberto. **Laser – Princípios básicos e avançados**. Publicado em PIEL – Latinoamericana / Libreria, 2010 - El estante digital Del Dermatólogo latinoamericano. Disponível em: <http://piel_l.org/libreria/item/716>. Acesso em: 25 out. 2011.
- BERTULANI, Carlos A. **Física Nuclear**. Disponível em: <<http://www.tamu-commerce.edu/physics/cab/Lectures/FisicaNuclear.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.
- BISCHOF, M. **Biophotons – The lights in our cells**. 9 Ed. Frankfurt. Zweitausendeins. 1998
- CARLOS, Rose Maria. A aplicação da fotoquímica inorgânica nas diversas áreas da ciência. **Revista Química Nova**. Vol. 30, nº 7, São Paulo, 2007.
- CHEVALIER, J. ; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo. Edgard Blücher, 1990.
- FIGUEREDO, Aníbal; PIETROCOLA, Maurício. **Luz e cores: Física outro lado**. São Paulo. FTD, 2000.
- FRANKOWIAK, I. T. T. **Homem, comunicação e cor**. 4. Ed. São Paulo. Ícone, 2000.
- GUIMARÃES, L. **A cor como informação: A construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo. Annablume, 2000.
- INTERTAÓ. **Os cinco elementos na MTC: Taoísmo – Alquimia e I Ching**. Disponível em: <<http://www.healing-tao.com.br/intertao.htm>>. Acesso em: 30 out. 2011.
- KALIL GASPAR, Pedro. **Neuropeptídeos na pele**. Publicado em: An bras Dermatol, Rio de Janeiro, 78(4): 483 - 498 jul./ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abd/v78n4/16913.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2011.
- LÜSCHER, Max; SCOTT. **O teste das cores de Lüscher: O teste psicológico que revela a personalidade através das cores**. Rio de Janeiro. Renes, 1989.
- MALLMANN, W. G; MALLMANN, A. M. V. **A ação dos anjos na Cromoterapia**. São Paulo. Robe, 1996.

- NAVARRO, Federico. **Orgonomia clínica**: Curitiba: Centro Reichiano, 2002.
- PEDROSA, I. **Da cor a cor inexistente**. São Paulo. Atlas, 1983.
- RACKNES, Ola. **Wilhelm Reich e a Orgonomia**. São Paulo. Summus, 1988
- REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. 19ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- ROUSSEAU, R. L. **A Linguagem das cores**: a energia, o simbolismo, as vibrações os ciclos das estruturas coloridas. São Paulo. Cultrix, 1980.
- SARAIVA, Maria de Fátima O.; OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza. **O sol a nossa estrela**. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/esol/esol.htm>>. Acesso em: 30 out. 2011.
- SOFIATI, Sandra. Reich transpessoal energia e espiritualidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**, vol. 3, Curitiba: Centro Reichiano, 2003.
- TROTTA, Ernani Eduardo. **Bases neurofisiológicas dos procedimentos clínicos de estimulação ocular com luzes coloridas**. In: Revista da Sociedade de Wilhelm Reich. Porto Alegre: SWRRS, 1998.
- VALCAPELLI. **Cromoterapia**: a cor e você. São Paulo: Roka, 1997.
- VOLPI, José Henrique. **Primeiros passos para a construção de um acumulador de orgônio**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br>. Acesso em: 20 set. 2011
- VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **A importância dos primeiro anos de vida na construção do sistema orgonótico de funcionamento da criança**. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos.html>. Acesso em: 26 set. 2011.
- ZEIDAN, T. **Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da UFV**. Publicado em: 8 de jun. 2005. Disponível em: <www.cpd.uvf.br/jornalismo.index.asp>. Acesso em: 20 out. 2011.

Declaração de autoria e autorização de orientação

Eu, Horst Hogrefe, declaro que o presente Protótipo de Monografia é de minha própria autoria e que todas as citações, pensamentos ou idéias de outros autores nele contidas estão devidamente identificadas e referenciadas segundo as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. Estou ciente de minha responsabilidade legal pelo uso inapropriado de idéias, pensamentos e citações não identificadas e/ou referenciadas. Autorizo a revisão do texto pelo (a) orientador (a) desta Monografia no que concerne ao seu conteúdo, assim como a correção de possíveis erros de português, digitação ou formatação, a modificação de palavras e/ou frases, desde que não se comprometa à estrutura da Monografia e/ou o pensamento do autor. O envio da Monografia por e-mail, contendo essa declaração ao final, dispensa qualquer tipo de assinatura para garantir sua validade.

E-mail: servterap@terra.com.br

Blumenau, 31/10/2011.